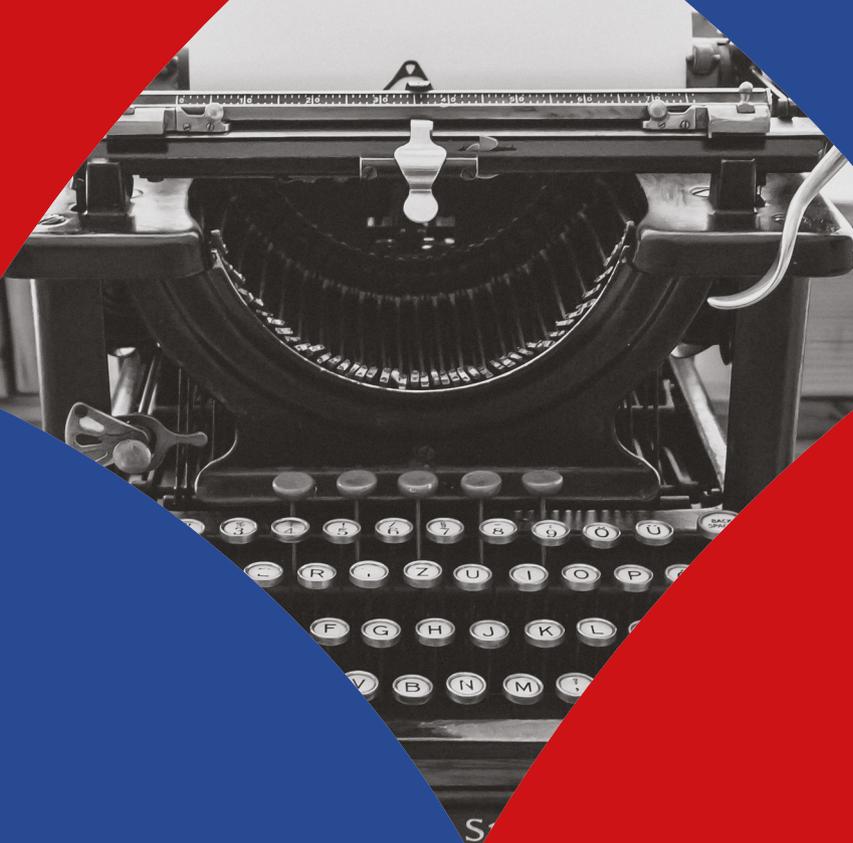


REVISTA DA

ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL

ANO 1 - FASE 2 - Nº 3 - 2021



REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

ANO I, FASE 2, N° 3 – 2021



PRESIDENTE

Fabio de Sousa Coutinho

VICE-PRESIDENTE

Rossini Corrêa

SECRETÁRIO GERAL

Edmílson Caminha

1° SECRETÁRIO

Ronaldo Costa Fernandes

2° SECRETÁRIO

Danilo Gomes

TESOUREIRO

Afonso Ligório

COMISSÃO DE CONTAS

Anderson Braga Horta, Napoleão Valadares e José Jeronymo Rivera

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.
Composto e impresso no Brasil. Printed in Brazil.

BR ARTES - DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

Diagramação de: Livros . Jornais . Revistas . Tablóides e Informativos
Criação e Arte Final de: Folders . Panfletos . Cartazes . Convites . Cartões
Artes para Mídias Sociais e impressos em geral

(61) 99109-1671 (claro) / (61) 98231-8617 (whatsapp) / tcbrasilbruno@gmail.com

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO.....	5
--------------------------	----------

POESIA

ALBERTO DA COSTA E SILVA

FLUMEN, FLUMINIS	8
APREENSÃO	8
POEMA DE ANIVERSÁRIO	9
SONETO DO CAFUNÉ.....	9
BREVE SOLILÓQUIO NO JARDIM DAS TULHERIAS.....	10
O AMOR AOS SESENTA	10

CONTOS E CRÔNICAS

DANILO GOMES

DONA OLÍMPIA DE OURO PRETO	12
----------------------------------	----

JASON TÉRCIO

FESTA NA SELVA	17
----------------------	----

ROBERTO ROSAS

FICHA LIMPA	22
-------------------	----

ENSAIOS, ARTIGOS E RESENHAS

RUMEN STOYANOV

GRACILIANO RAMOS E A BULGÁRIA.....	25
------------------------------------	----

TANIA SERRA

A ATUALIDADE DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, 200 ANOS APÓS SEU NASCIMENTO, E O “NOVO ROMANTISMO DC (DEPOIS DA COVID 19)”	49
---	----

ORAÇÕES ACADÊMICAS

DISCURSO DE POSSE

JOSÉ ALBERTO COUTO MACIEL..... 65

DISCURSO DE RECEPÇÃO

PAULO CASTELO BRANCO 68

QUADRO ACADÊMICO (CADEIRAS E PATRONOS)..... 72

APRESENTAÇÃO

A Revista da Academia Brasiliense de Letras chega ao terceiro número de sua nova fase, mantido o caráter exclusivamente digital das edições. Está também assegurada a alta qualidade literária do conteúdo publicado, com destaque para as participações de acadêmicos da ABrL e de escritores convidados por nós, todos consensualmente cientes e conscientes da importância de se manter viva uma boa tradição cultural inaugurada pelo presidente Domingos Carvalho da Silva, em 1982. Ressalto, ainda, a homenagem que se presta ao grande poeta brasileiro Alberto da Costa e Silva, por ocasião da comemoração, em 2021, de seus 90 anos de idade.

A Academia Brasiliense de Letras ingressa na terceira década do século XXI com seu quadro acadêmico sem nenhuma lacuna, circunstância a um tempo inédita e auspiciosa nos 53 anos de existência da Casa. Esse é, seguramente, o fato mais gratificante no âmbito

da gestão bienal que ora se encerra, inda que outras conquistas, a exemplo do ressurgimento desta Revista, possam igualmente constituir motivo de satisfação no plano administrativo e de esperança no futuro de nossa presença ativa e resistente no ambiente mental da Capital da República.

Desejo aos confrades e amigos leitura prazerosa e proveitosa, na expectativa de que, vacinados e destarte protegidos contra o insidioso e brutal coronavírus, possamos voltar a nos encontrar presencialmente na sede da ABrL, celebrando o dom da vida e o privilégio da convivência amistosa.

Brasília, DF, 2 de fevereiro de 2021

Fabio de Sousa Coutinho
Presidente da ABrL



POESIA

ALBERTO DA COSTA E SILVA

FLUMEN, FLUMINIS

Ouçamos o fluir deste curso de rio
entre velhos muros imóveis de fadiga
não apenas meras lajes limitadas e cinzentas
mas pedras tristes e calmas
entre as quais escorre o límpido silêncio
da água que flui sobre a nudez
pura da morte

em nenhuma outra fonte o cansaço
de ser manhã quando a noite se debruça
sobre nós sofreremos
pois tão estranhos seremos ao murmúrio
de suas águas veladas
à música que nada anuncia
a não ser primaveras
como agora sôfregos nos reclinamos
sobre o líquido móvel deste rio que leva
para o mar distante e irrevelado
estas formas maduras e tranquilas
este sopro perfeito
daquilo que foi apenas o fugidio e precário pó.

APREENSÃO

Quando provamos um fruto, acre ou doce,
é nosso o seu sabor, é nosso este segredo
que cada cousa oculta e nos recusa a posse
e sob a polpa densa e a muralha da carne
se abriga, defeso.

Ah, arrimar-se à tarde e saber este gosto
vindo, tão perfeito, da fonte dos mistérios
e descobrir em nós a essência que somos
em meio à evasão a que nos força o rumo.

E se concentra o nosso ser em contemplá-lo,
agora livre do seu fugaz invólucro,
não mais um fruto, mas convívio e morte,
não mais ausência, agora pura entrega
como a água bebida em tosco cântaro.

POEMA DE ANIVERSÁRIO

De que céu, se o céu em que desfaço
as mãos em flores, que trazia, parte,
hei de esperar que pare este mudar-se
de outras claras manhãs nesta tristeza?

Alto sonhamos com imóveis águas,
setembros permanentes, garças fixas,
mas os olhos e as mãos nada conquistam,
e enegrece na mesa a maçã limpa.

Carda o rude luar a lâ noturna.
A vida é só, e o pranto, pequenino.
Que fazer deste rastro sem sentido
que vem ao homem e parte do menino?

SONETO DO CAFUNÉ

As mãos são como a chuva. Desenrolam
a rede do armador e a estendem, barco
no remanso do quarto. As mãos convocam
o que há, no verão, de sonolência.

As mãos repartem, leves, os cabelos.
O alado cafuné azula a serra,
afugenta os morcegos, põe nas sombras
o cantar do correr de pés na areia.

O remar da carícia afina as formas
deste mundo barroco e o faz conciso,
uma linha de luz na noite. Corre

pelo urdume do sonho outra beleza
(só tive Deus em mim alguns momentos)
que o tempo não corrói, nem o sol cobre.

BREVE SOLILÓQUIO NO JARDIM DAS TULHERIAS

O que quer este menino a andar de bicicleta,
senão lembrar-me do que fui?
Senão, tonto de riso,
entre pombos e pardais no chão
ensolarado, fingir-me?

Não aceito o ter sido. Nem me quero menor
no coração que guardou o assombro e a fábula
de tudo o que viveu como
um sonho escondido.

Os dias me cobraram o que era infinito.
E, se agora persigo o pedalar do menino,
é porque sei que sou o final do seu riso.

O AMOR AOS SSESSENTA

Isto que é o amor (como se o amor não fosse
esperar que o relâmpago clarear o degredo):
ir-se por tempo abaixo como grama em colina,
preso a cada torrão de minuto e desejo.

Ser contigo, não sendo como as fases da lua,
como os ciclos de chuva ou a
alternância dos ventos,
mas como numa rosa as pétalas fechadas,
como os olhos e as pálpebras
ou a sombra dos remos

contra o casco do barco que se vai, sem avanço
e sem pressa de ausência, entre o mito e o beijo.
Ser assim quase eterno como o sonho e a roda
que se fecha no espaço deste sol às estrelas

e amar-te, sabendo que a velhice descobre
a mais bela beleza no teu rosto de jovem.



CONTOS E CRÔNICAS

DANILO GOMES*

DONA OLÍMPIA DE OURO PRETO

“Chega um momento em que a vida é distância, e tudo é tarde.”

(Abgar Renault, no poema “Última Thule”)

Dona Olímpia – quem diria? – virou tema de escola de samba da Mangueira e brilhou na Avenida Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, em 1990. Na verdade, o fato não foi de todo surpreendente, já que Dona Olímpia era uma figura alegre, carregada de flores e com aquele grande chapéu florido, e senhora de uma boa e animada conversa. Sua presença despertava eflúvios positivos; a grande bengala, em feitio de cajado peregrino, era toda ornamentada e aquele imenso chapéu, embora muito usado, tinha algo de primaveril e de parque num domingo ensolarado.

Pois a nossa saudosa Dona Olímpia virou “Sinhá Olímpia” e ganhou enredo sob o título de “E deu a louca no barroco”. De fato, o barroco acabou prestando-se a tudo o que é meio confuso, complicado, meio rococó e “embo-lado”. Mas o barroco é arte séria, sacra e bela, terreno dos mestres escultores mineiros Hélio Petrus e Elias Layon, moradores de Mariana.

E neste ponto da conversa eu me lembro do trecho de abertura, à guisa de epígrafe, desse livro delicioso que é “Pierre-Auguste Renoir, meu pai”, do cineasta Jean Renoir:

“O LEITOR – Não é Renoir que o senhor nos apresenta, é a sua própria concepção de Renoir.

O AUTOR – Com certeza. A História é um gênero essencialmente subjetivo.”

O diálogo acima vale uma tese de mestrado em História, não lhes parece? Cá eu não me meto nessas altas cavalarias. Só monto burrinho manso, como Sancho Pança. E só transcrevo o trecho para aduzir que assim deve ter sido com a figura de Dona Olímpia tratada na letra, no enredo da Mangueira. Vale dizer: de certa forma, saudável mistura de impressões, concepções, imagens, transfigurações, um jogo de cenários do inconsciente coletivo e outras preciosidades junguianas, sei lá o que digo. E depressa volto ao meu burrico de trote manso.

A Sinhá Olímpia dos sambistas é um quadro da Ouro Preto lírica, de que tratou Afonso Arinos de Melo Franco (há a Ouro Preto grave, tratada pela pena do historiador Diogo de Vasconcellos). Tanta gente escreveu sobre Ouro Preto – até o poeta e cronista Manuel Bandeira lhe dedicou um livro, o utilíssimo “Guia de Ouro Preto”. Naquela cidade nasceu, em 1870, o grande poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens, falecido em Mariana em 1921.

Na verdade, a nossa saudosa Dona Olímpia, que as montanhas de Minas não esconderam, era assim como uma espécie de contrafação carnalizada de dama antiga, com suas longas saias anacrônicas, bordão florido e

empenachado, vasto chapéu ornamentado de miçangas e penduricalhos, a fumar um eterno cigarro que todos lhe davam com satisfação.

Ela perambulava pela histórica cidade, especialmente na Praça Tiradentes, muito antes de Ouro Preto tornar-se um grande polo turístico. Era como um vulto legendário de outras épocas, a compor o cenário das belas igrejas e dos velhos sobrados e solares do tempo da musa Bárbara Heliodora, da outra musa Marília de Dirceu, do ouvidor Gonzaga, dos heróis da Inconfidência, dos embuçados que à noite recomendavam a fuga dos implicados na conjura infeliz, do tempo do assassinato do poeta Cláudio Manoel na Casa dos Contos... Ele não se suicidou: morreu de “morte matada”, pois era um arquivo vivo da malograda sedição contra o Reino de Portugal.

Dona Olímpia era uma remanescência, como figura humana ímpar, de uma mítica Vila Rica do Pilar em cujas ruas, outrora, “retumbaram hinos” (Raimundo Correia), com muito coche fidalgo nas pedregosas calçadas, sinos batendo e sinhazinhas em flor pelas janelas.

Na pia batismal, nossa famosa mineira recebeu o nome de Olympia Angélica de Almeida Cotta. Naquele ano de 1990, a Agência O Globo publicou um texto de que retiro o trecho abaixo, por ilustrativo:

“A partir de meados da década de 40, quando começou suas andanças pelas ruas de Ouro Preto – com roupas de cores vivas que misturavam um luxo de gosto duvidoso com trapos, o cajado enfeitado e os cabelos colori-

dos de azul, vermelho ou cor de rosa, sob os mais extravagantes chapéus –, a simpática velhinha de mente fantasiosa, que misturava os tempos da História, ganhou fama. Para alguns, era louca; para outros, sábia. E há, ainda, os que a consideram a primeira **hippie** do Brasil.”

E prossegue o redator (cujo nome não está registrado):

“Em seu mundo imaginário, Olímpia acreditava ser a favorita de Dom Pedro II e parente do Conde d’ Eu. Afirmava que recebera de fidalgos e cavalheiros diversas declarações amorosas e que frequentara bailes e saraus. Nos últimos dez anos de sua vida, até morrer, em 1976, aos 87 anos de idade, Dona Olímpia transformou-se em atração turística da cidade. Foi muito fotografada e apareceu até em jornais do exterior; virou mesmo cartão postal da cidade.”

A historiadora Guiomar de Grammont também cuidou do fascinante assunto. É de sua lavra o texto abaixo, ilustrado por uma foto de Dona Olímpia que está no Museu Casa Guignard, em Ouro Preto:

“Esfuziante e bela, com sua poderosa presença, Olympia Cotta criou um estilo único. Em sua figura reunia, a um só tempo – como ninguém jamais o havia feito antes – a grandeza das cortes do passado e a riqueza psicodélica do universo **hippie** que coloriu as ruas do Brasil marcado pela dureza da ditadura. Assim, Olympia reunia tempos diferentes: o universo mágico e galante em que se passavam suas histórias e o delírio woodstockiano dos jovens hippies que transitavam pela cidade na época. Ela inventava, ousava, reciclava, misturava papel e

cetim, madeira e renda, luxo e lixo. Impossível não olhar para ela quando sua **persona** estu-
penda assomava do fundo de alguma ladeira de
Ouro Preto.”

Tenho nas minhas estantes um singelo e delicioso livro intitulado “Ouro Preto também para crianças”, de Maria Zélia Damásio Trinda-
de, com capa e ilustrações do consagrado ar-
tista plástico Cláudio Martins, uma edição de
1977 da Editora Lemi, de BH. Com contracapa
assinada pela grande e saudosa escritora Lúcia
Machado de Almeida, irmã de Aníbal Macha-
do e autora do celebrado livro “Passeio a Ouro
Preto”. Pois bem, nas págs. 85/86, sob o título
“D. Olímpia” vamos encontrar um bom painel
da excêntrica personagem:

“Dona Olímpia Cota era figura conhe-
cidíssima por todos quantos visitavam Ouro
Preto; focalizada por jornalistas, pintores e fo-
tógrafos em seus trabalhos. Com seu chapelão,
seu bastão todo cheio de papéis coloridos, o ci-
garro na mão e o xale nos ombros, lá estava ela,
conversando com os turistas e a gente do lugar.

- Ah ! , “minha nega”! Eu sou sobrinha do
Frei Santa Rita Durão, aquele escritor famo-
so! Família nobre, a minha. Já fui muito boni-
ta e rica. Já, sim! Não viu meu retrato quando
moça, ainda não?

E lá ia, pedindo um cigarrinho ou dinhei-
ro aos turistas, proseando e posando com eles.

D. Olímpia era uma figura simpática, sem-
pre bem acolhida, quer pelos ouropretanos,
quer pelos turistas.

Parece que se referem a ela estes lindos
versos de Murilo Mendes:

“A viúva de Ouro Preto sobe a rua cantando,
apoiada ao bastão, na cabeça um penacho

de três cores, vestido velho e desbotado

cuja invisível cauda arrasta com desdém.

A viúva de Ouro Preto fala em frases cifradas,
pesa em partes iguais o mito e a realidade,

o passado e o presente, a alegria e a tristeza,

rico e pobre entretém com igual polidez,

declara que decide a guerra no estrangeiro.

A trama de sua vida é feita de fantasmas

que só se extinguirão no seu último dia.”

Maria Zélia esclarece que este é um trecho
do poema de Murilo Mendes intitulado “Moti-
vos de Ouro Preto”. E a autora conclui sua pá-
gina assim:

“E o seu último dia já chegou.

Que pena que não a conheci!

Dela ficaram nomes de casas comerciais,
de uma escola de samba, cartões, esculturas,
até personagens de peças teatrais e musicais.

Dona Olímpia já virou História.”

Quero registrar nestas linhas que o primeiro livro que conheci sobre a antiga Vila Rica foi o “Ouro Preto e conhecendo Ouro Preto”, de Eponina Ruas. Quem foi essa autora? Ela era uma médica pediatra que morava naquela cidade e ia muito à minha cidade natal de Mariana. Meus pais tinham com ela boas relações. A Dra. Eponina Ruas, que vi várias vezes andando a pé por Mariana, atendendo aos pacientes, era uma senhora de pequena estatura, discreta, arredia, de pouca conversa e – soube depois – muito culta. Revejo-a, como num sonho antigo, andando pelas ruas, com sua maleta de médica na mão.

Por falar em Ouro Preto, onde trabalhou o célebre escultor Aleijadinho, onde versejaram os árcades poetas da Inconfidência, aproveito o ensejo para destacar cinco livros de importância histórica, sociológica e literária. Esse quinteto compõe a Série Ouro-pretana da Editora Liberdade, que funciona naquela histórica urbe, sob a direção do casal de professores universitários e escritores Arnaldo Fortes Drummond e Maria Francelina Ibrahim Drummond.

São eles: “Memórias de Ouro Preto”, de Lauro Sérgio Versiani Barbosa e Humberto Dornelas; “Da poesia à reportagem”, de Hermínio Barbosa; “Sinos de Ouro Preto”, de Arthur de Brito Machado; “Poesia enquanto costume”, de Maria Francelina Ibrahim Drummond (org.) e “Terra adotada: relato de um imigrante”, de Antônio Francisco dos Reis.

Assim, conforme ela foi descrita linhas acima, eu conheci pessoalmente, nos outros da minha vida, a impressionante figura de Olympia Angélica de Almeida Cotta. Foi assim que eu a vi numerosas vezes, ao longo de dois anos, quando, em Ouro Preto, estudei interno no Colégio Arquidiocesano, em 1956 e 1957. Eu fazia 14 anos de idade no fim de 1956. Era, portanto, pouco mais que um menino, um rapazote.

Naquele tempo havia poucos turistas na antiga Vila Rica, estava longe de acontecer o I Festival de Inverno. Se durante a semana o comportamento era bom no internato (misto de seminário e quartel), tínhamos folga domingo à tarde para percorrer a cidade. Às 18 horas, toque de recolher. Mesmo com escassos cobs no bolso, só uns caramingaus para um sorvete e um café com pão de queijo, era bom zanzar subindo e descendo aquelas históricas ladeiras. Sempre encontrávamos Dona Olímpia fumando e proseando, rindo e contando casos, com aquela voz meio grossa, rouquenha, na Praça Tiradentes, seu **point** preferido, seu palco predileto, pois ela era, demente ou sábia, ou ambas as coisas, uma atriz.

Corria a lenda: Dona Olímpia fora uma formosa donzela, muito bonita na juventude. Ficara meio desequilibrada por ter um amor contrariado, era até de família aristocrática – histórias assim, que passavam de boca em boca para acicatar o imaginário popular e inspirar artistas e outras almas sensíveis e romanescas. Só um exemplo: sua singular figura extemporânea seduziu o talento de um artista como Orózio Belém, que lhe desenhou o retrato num **crayon** reproduzido na edição do jornal cario-

ca “O Dia”, de 1º de março de 1990, ilustrando uma reportagem de Rose Esquenazi.

Pois é, minha antiga e risonha interlocutora transpôs alegremente as montanhas de Minas para, transfigurada num carnavalesco delírio “barroco”, com o nome de Sinhá Olímpia, ganhar ainda maior dimensão nacional via rádio, TV, revistas e jornais, o que ela, viva fosse, muito apreciaria, já que, afinal, sempre foi destaque. E continua sendo uma estrela a brilhar no céu de Ouro Preto, do Itacolomi ao Alto das Cabeças, passando pela Rua Paraná, Rua Direita, Rua São José, Praça Tiradentes, com o antigo Palácio dos Governadores, a estátua do herói nacional supliciado no Rio e o Museu da Inconfidência.

Agora, como escreveu o poeta Abgar Renault, “tudo é tarde”. Adeus, Dona Olímpia. O antigo rapazote, hoje quase octogenário e avô de dois netos e duas netas, sente saudade das nossas amáveis conversas, Dona Olímpia, lendária estrela de Minas...

***Titular da Cadeira nº VI da ABrL**

JASON TÉRCIO*

FESTA NA SELVA

Então o rei decidiu cortar a juba, em público. Era a única coisa que ainda não fizera para chamar a atenção de seus vassallos. E todos já comentavam – nas árvores, matagais, grutas e rios – que a cabeleira estava até atrapalhando a sua visão. Sacudir a cabeça para afastar os pelos dos olhos tinha se tornado um cacoete. Mas ainda havia quem gostasse do hirsuto porte do leão, sem dúvida viril. As jaguatiricas, por exemplo, admiravam cada movimento do seu corpo nas raras ocasiões em que ele passeava pela selva. Quando acenava as patas, atraía muitos suspiros e olhares dengosos das felinas. Até as serpentes se contorciam ansiosas por um abraço no rei. Mas com estas ele não queria intimidade nenhuma.

Na verdade, ultimamente o leão estava ficando cada vez mais desconfiado, arredio, até meio paranoico. Certa noite depois de jantar um saboroso antílope, ele saiu da caverna para caminhar, fazer a digestão e meditar sobre os problemas de seu reino. De repente, pisou num porco-espinho. Ficou uma semana sem poder andar, com um emplastro de ervas na pata. Teria sido um atentado? Muitos animais ambicionavam seu poder, queriam ser como ele – admirado, bajulado, rodeado de puxa-sacos e invejosos. Alguns tigres murmuravam que ele estava emagrecendo, que seu aspecto era doentio. Para desmentir os boatos, ele passou a nadar no rio uma vez por semana e a fazer ginástica todas as manhãs na porta da caverna.

Mas o pior era que a sua auto-estima vinha diminuindo. Uma insegurança que alguns atribuíam à recente morte de sua leoa favorita, atingida pelo tiro de um caçador. Ele já não saía todos os dias da caverna, já não recebia os bichos que vinham visitá-lo. Quando eles chegavam, o rei mandava dizer que estava em reunião. E nas poucas vezes em que saía passeando, sempre era acompanhado de dois ursos. Na porta da caverna real havia diariamente um tigre e um lince, atentos.

Quando ficava sozinho, pensativo, se sentia dobrando a última curva de sua gloriosa existência. A juba crescida disfarçava um semblante flácido e sonolento. Às vezes sentia vontade de se mudar para alguma selva remota e passar o resto de seus dias sem fazer absolutamente nada, só contemplando a natureza, virar um leão místico, adotar alimentação vegetariana. Mas ficava só na vontade.

Certa tarde ele conversou com os colegas felinos mais confiáveis e admitiu que seu isolamento vinha piorando a situação, fomentando intrigas e possíveis conspirações entre os súditos. Daí surgiu a decisão de criar um evento grandioso, uma cerimônia festiva aberta a todos, que tivesse ampla repercussão e atraísse a simpatia da bicharada. O pretexto seria o corte da juba. Os colegas ficaram espantados, mas o rei explicou:

“Vou só aparar um pouco. Está me incomodando.”

Uma das leas apoiou: “Boa ideia, corte só as pontas, e deixe os pelos bem espetados pra cima, está muito na moda. Você é ruivo, fica bonitinho”.

Outra leoa concordou: “Isso mesmo, você vai ficar um gato”.

“Gato? Que papo é esse? Eu sou leão, pô. Mais respeito”.

“Pois então, vai ficar um leão punk”.

“Vamos deixar de sacanagem. A verdade é a seguinte: vou ser o primeiro leão do mundo a cortar a juba. Vou passar para a História. Mas eu faço isso com sinceridade. Não tem demagogia no meu reinado.”

Demagogia ou não, era uma excelente tática para se aproximar de todos os súditos, dialogar, sorrir, perguntar sobre os problemas existentes, ouvir sugestões para melhorar a qualidade de vida na selva, mesmo sem intenção de cumpri-las. Eles se sentiram honrados perante um simples aceno das patas reais. Fundamental era transmitir a idéia de que todos tinham responsabilidades e participavam de seus destinos. O leão sabia que a selva estava enfrentando um acúmulo de desgraças – desmatamentos, queimadas, lixos nos rios, invasão de máquinas que abriam estradas e obrigavam os bichos a migrarem, além das tradicionais caçadas e dos garimpos.

Discutir tudo isso em público fortaleceria a sua liderança e lhe daria uma forte motivação para continuar reinando. Era uma necessidade urgente, seu prestígio estava em jogo, sua própria linhagem, e cada vez mais ele se dava

conta disso. O filho, único herdeiro legítimo do trono, era um cabeça-oca: só queria perambular à toa pela selva, atrás de jaguatiricas, onças e leas. Quando o leão morresse, o que aconteceria no seu reino? O caos, provavelmente, uma feroz briga pelo poder. Ao promover esse evento histórico, ele daria um pouco de felicidade à selva, seria visto como um rei generoso e popular, e assim poderia continuar no trono até o último suspiro.

Queria o máximo de expectadores na cerimônia. Mandou chamar seus assessores: que avisassem toda a selva, “eu disse TODA A SELVA, digam que o rei vai dar uma grande festa, aberta a todos, a maior boca-livre de todos os tempos, quero toda a bicharada aqui na frente da minha gruta”.

Os orangotangos da guarda real ficaram preocupados e o advertiram de que seria preciso organizar um rigoroso esquema de segurança e selecionar os convidados, evitando os mais agressivos e descontentes, como certos pumas que ambicionavam o trono.

“É melhor convidar apenas os passarinhos, as formigas, os insetos, os papagaios, os saguis, as preguiças”, propôs um fiel leopardo. “E as panteras, claro”, acrescentou com um sorriso. “As cobras, por exemplo, mesmo as pequenas, não merecem confiança, seus botes são fatais. E uma sucuri é invencível. Também alguns pumas são traiçoeiros, Vossa Majestade sabe muito bem.”

O leão ignorou essas ponderações. “Pelo contrário, quero meus supostos inimigos sentados ao meu lado quando eu cortar a juba”. Era

uma forma de demonstrar coragem, virtude essencial num rei.

A notícia se espalhou de ponta a ponta, causando reações variadas. Alguns animais estranharam, outros foram sarcásticos.

“Festa? Por quê? O rei morreu?”

A maioria, porém, se animou depois de saber que haveria danças e um banquete cujo prato principal seria “homem assado à moda da selva.” Ninguém precisaria caçar nada naquele dia.

Todos ficaram buliçosos. Os pavões sacudiram as penas para dar-lhes mais viço e realçar as cores, sapos e rãs saltitaram coaxando contentes, lesmas deixaram rastros para quem desconhecesse o caminho da caverna, elefantes alvoroçados agitaram suas trombas e bramiram. Zebras e lagartixas, cigarras e jacarés, gafanhotos e hipopótamos, formigas e javalis, falcões e peixes, cobras e pássaros, todos convergiram rumo à caverna real, situada no ponto mais elevado da selva e naquele dia decorada com flores na entrada.

Lá dentro, o leão tomou um banho com pétalas de flores, sendo enxugado por um grupo de leas, enquanto perguntava a todo instante pelos convidados especiais, que teriam assento ao lado dele – pumas, leopardos, tigres, cascavéis e sucuris.

“Estão chegando, Majestade, estão chegando”, diziam os afobados lobos, entrando e saindo da caverna.

“O rei pirou de vez”, cochichou um gorila para um leopardo. “Ele sabe que esta selva não é nada pacífica, apesar da fama de que somos cordiais, ordeiros, conciliadores, que só matamos quando estamos com fome. Tudo lenda. Não é nada disso”.

O jaguar afiou a tesoura enquanto o leão vestia calmamente sua toga vermelha e colocava a coroa no alto da cabeça. Fora da caverna, a multidão de animais ficou inquieta com a demora: guinchos, coaxar, latidos, berros, assovios, relinchos, trinados, urros, miados, rugidos, cacarejos, num crescente alvoroço, até que todos gritaram impacientes: “co-me-ça! co-me-ça”, co-me-ça!”

O trono foi colocado na porta da caverna e quando o rei saiu, a selva estremeceu com a ovação geral. Ele ergueu as patas agradecendo, sentiu uma dor nas costas, disfarçou, sorriu, acenou fingindo reconhecer alguns convidados, embora a juba encobrisse seus olhos míopes. Um lince cochichou-lhe:

“O Leo Pardo não veio, nem os tigres-de-bengala”.

E o leão, sempre sorrindo, resmungou: “Ah, o Leo morre de inveja de mim, e os tigres estão ficando gagás, só andam de bengala... Quá quá quá. Eles querem o quê? Um convite personalizado? Só porque são parentes pensam que podem ser reis? EU sou o rei, e vamos logo cortar essa juba”.

Sentou-se no trono com uma expressão de aborrecimento, que piorou ao sentir um cheiro desagradável exalando dos convidados. Alguns não tinham nenhum constrangimento em de-

fecar, urinar e soltar pum. Ele sequer podia tapar o nariz, pois as onças estavam cortando suas unhas. Um gorila pediu silêncio, porque o jaguar precisava se concentrar no corte da juba, e o rei, ora, o rei simplesmente queria silêncio, não precisava justificar nada.

Em poucos minutos ele estava arrependido de promover aquela cerimônia festiva. Sabia que seus súditos não tinham finesse nem *savoir-faire*. Mas agora constatava serem piores do que imaginava: esquisitos, fofoqueiros, descuidados, fedorentos, com mau hálito, risadas grotescas. Enfastiado, o rei sussurrou no ouvido de um gorila, que em seguida dirigiu-se à multidão:

“Meus amigos e colegas, se vocês puderem se comportar com um mínimo de civilidade e decoro, nós agradecemos sensibilizados. Afinal, vocês estão diante do rei...”

Uma estrondosa vaia ecoou na selva. O leão ficou impassível. Com um sorriso irônico, encarou a todos:

“Eu sou igual a vocês. A única diferença é que sou rei, e por isso apenas eu tenho o que os humanos chamam de... sangue azul.” Outra vaia geral. “Tudo bem, sei que vocês têm vivido momentos difíceis. Reconheço que os interesses de nossa comunidade estão sendo afetados por algumas falhas burocráticas e de gerenciamento...” Mais vaias. “Mas tenho feito tudo pra ser um rei bom e construir um futuro melhor para os nossos filhos.” Um grupo de hienas gargalhou sem parar.

Uma leoa se aproximou dele e cochichou: “Fale da globalização”. E o rei se levantou do trono e falou, empertigado:

“A culpa pelas desgraças de nossa selva é da globalização... Calma, calma, me deixem falar, depois vocês falam... É verdade, são as catástrofes globais causadas pelo homem que estão prejudicando nossas vidas, inclusive a minha. Temos problemas gravíssimos, mas durante o meu reinado progredimos muito, em todas as áreas, você sabem disso. Ainda há muito o que fazer, claro, mas acabamos com a miséria, somos hoje uma selva emergente e vamos continuar empenhados em melhorar cada vez mais. Palavra de rei. Tudo o que eu faço é pelo bem coletivo. A selva acima de tudo.”

Uma pedra voou rente à cabeça do leão, quase derrubando a sua coroa. Sobressaltado, arreganhou os caninos e falou baixo com um leopardo pedindo a prisão do agressor. O leopardo sugeriu cautela e que falasse a linguagem popular. O leão aceitou a sugestão:

“Pessoal, isso já tá virando esculhambação. Venho dar uma festa pra vocês, numa boa, bater um papo bacana e descontraído, e o que é que eu recebo? Pedrada. Será que vocês não entendem? O maior culpado pela nossa crise é realmente o homem, ele é o verdadeiro inimigo, não eu, um pobre leão com um pé na cova... Tá legal, tá legal, sei que tenho ditado muitas ordens e leis injustas, que tenho comido muitos bichos indiscriminadamente. É o meu instinto, não posso evitar. Vocês também comem uns aos outros. Mas prometo comer menos, até porque estou precisando fazer regime, eh eh eh. O pior é que a selva está ficando cada vez menor pra nós, não é mesmo? O homem

derruba as árvores, polui as águas e ainda nos mata com queimadas. Muitos de vocês estão ameaçados de extinção numa selva tão fértil, tão exuberante, tão... Tudo bem, admito que não gosto muito do cheiro de vocês – talvez vocês também não gostem do meu perfume, he! he! he! Tenho sido aristocrático demais, mas o que eu quero mesmo é ser um rei generoso e justo. E esse banquete pode ser o início de nossa reação, da nossa luta contra o maior predador do planeta. Por isso, me veio agora a ideia de promover, todo mês, uma reunião igual a esta, com todos vocês, pra conversarmos a respeito dos nossos problemas comuns. De hoje em diante o nosso lema vai ser: valentia, dignidade e ação. Vamos nos unir, senão seremos totalmente exterminados!”

Todos aplaudiram entusiásticos. O leão ficou orgulhoso, ainda possuía verve. E a bicharada dançou ao som dos cânticos da passarada. Em seguida teve início o banquete de encerramento. O prato principal era homem assado na brasa, com sal grosso. Foi devorado inteiramente – fígado, coração, peito, coxas, braços, intestinos, pele, rins, orelhas, mãos, nariz, músculos, olhos, língua, pescoço, pulmões, pâncreas, esôfago, baço, pés, testículos, pênis, nádegas, veias, cabelos, ossos, cérebro. Os animais foram embora caminhando devagar e felizes, com a sensação de terem participado de um momento inesquecível em suas vidas.

Desde então o rei se tornou popular, e até rejuvenesceu. Descobriu que carne humana é muito rica em proteínas, vitaminas e aminoácidos, ajuda a recuperar a energia, regulariza as funções intestinais, regenera o sangue e combate a osteoporose. E agora que ele está com a juba bem aparada, as felinas olham mais quan-

do ele sai a passeio, e sempre volta com duas ou três para aquecer suas noites na caverna.

Quanto ao cardápio do banquete, está melhorando: nos primeiros meses era servido apenas caçador assado na brasa. Mas os cozinheiros do rei aperfeiçoaram suas habilidades culinárias e o cardápio ficou bem variado – tem garimpeiro à milanesa com molho vinagrete e creme de espinafre; pernil assado de caçador com batata corada; lombo de turista ecológico grelhado com molho de manteiga e fines herbes. Mas a refeição preferida nos banquetes mensais da selva tem sido picadinho de desmatador com molho madeira, legumes e farofa de ovos (dele).

(*) Autor de *Em busca da alma brasileira – biografia de Mário de Andrade* (Editora Sextante) e mais sete livros.

ROBERTO ROSAS *

FICHA LIMPA

A música exprime conteúdo social e político, nas mais diversas ocasiões, como vemos no cancionário brasileiro, assim – *Apesar de você* (Chico), um protesto aos militares; *Para não dizer que não falei das flores* (Vandré), *O bêbado e o equilibrista* (Aldir Blanc), a crítica urbana, então, falta d'água no Rio de Janeiro (de dia falta água, de noite falta luz), lata d'água na cabeça, crítica social.

Certamente essa exteriorização veio ao mundo do direito, e, por certo, a polícia está envolvida.

O primeiro samba, assim reconhecido pela crítica musical, foi *Pelo Telefone* (1916), certo deboche à atuação policial contra o jogo no Rio de Janeiro. Em 1913, a polícia fazia intensa campanha contra a jogatina. Um jornal (*A Noite*) instalou em frente a sua sede (Largo da Carioca) uma roleta. O Chefe de Polícia mandou destruir essa roleta. Mais tarde, outro Chefe (Aurelino Leal) foi mais duro, comunicou, por telefone, a todos os delegados, a proibição da jogatina, então surgiu em 1916 o samba – *Pelo Telefone* – “O Chefe da Polícia pelo telefone mandou-me avisar que na Carioca tem uma roleta para se jogar.” (Almirante, *No Tempo de Noel Rosa*, 3ª ed., pg. 43; Lira Neto, *História do Samba*, vol. I). Hoje esse samba tem adaptação com letra e interpretação de Gilberto Gil. Pela internet, que termina – *Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular. Que lá na Praça Onze tem um videopoquer para se jogar.*

O máximo dessa exposição do cotidiano ocorreu com Noel Rosa (1910-1937), que, em seus 26 anos de vida, compôs 250 músicas, com a inauguração do samba urbano, reflexo de condutas, visões sociais, comportamentos da sociedade.

Noel Rosa preparou-se para a Medicina, e chegou a cursar dois anos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas logo foi atraído pela boêmia e pela música, a boa malandragem do velho Rio de Janeiro – samba, cerveja e mulher. Noel afastou-se dos pacientes, e proclamara – Como médico, eu jamais serei um Miguel Couto. Mas quem sabe, poderei ser o Miguel Couto do samba? Assim ocorreu, inaugurou a música popular brasileira em alto estilo, até hoje com o clássico *Feitiço da Vila* (1934) – “*Quem acha vive se perdendo ...*” (Nelson Motta, *101 Canções que tocaram o Brasil*, pg. 17); *Palpite Infeliz* (“*Quem é você que não sabe o que diz ...*”); *Com que roupa* (“*Com que roupa eu vou ...*”) esta, hoje cantada por Gilberto Gil; *Conversa de botequim* (1935) (“*Seu garçom faça um favor*”), esta analisada pelo antropólogo Roberto da Matta – a falsa cortesia brasileira, é a mais tocada no Spotify e Youtube; *O orvalho vem caindo* (reflete a boêmia).

E por paixão, amor – *Último desejo* (“*Nosso amor que eu não esqueço ...*” hoje na voz de Maria Bethania). Em *Fita Amarela* (“*Quando eu morrer não quero choro nem vela ...*”). Tudo isso voltou nas vozes contemporâneas de Beth Carvalho, Ivan Lins e Martinho da Vila.

De sobra, Noel Rosa aparece como exaltação de Chico Buarque em *Rita* (“levou um bom disco de Noel”) ou *Paratodos* (“Noel”) (João Máximo e Carlos Didier, *Noel Rosa uma biografia*, 1990).

Quando aluno do Colégio Pedro II, na Avenida Marechal Floriano, meu professor de Canto era Homero Dornelas. Certo dia alguém lembrou que Dornelas tinha o nome musical de Candoca da Anunciação, e autor do famoso samba – *Na Pavuna*. Tomei coragem, porque Dornelas era muito simpático e gentil com os alunos, e perguntei se confirmava o pseudônimo e a autoria. Ele resvalou e levou a conversa para Noel Rosa; em outras palavras, ele era insignificante, importante era Noel, e esse assunto rendeu o ano letivo todo, daí a paixão deste subscritor pela obra de Noel Rosa.

No meio dessa vasta obra musical, destaque, de 1933, *Onde está a honestidade?* Era uma crítica àqueles (àquelas) deslumbrados na riqueza, especialmente do dinheiro público, dos políticos, tudo subliminar. Mais tarde, Beth Carvalho foi a restauradora de *Onde está a honestidade?* E Paula Toller (2019) apenas substituiu automóvel por Mercedes e Ferrari. Em 2011, a prova do Enem trouxe o tema, após 78 anos da sua aparição, e dizia essa prova – texto atualizável, na medida em que, utilizando-se de ironia, refere-se ao enriquecimento de origem duvidosa de algumas pessoas.

Com isso, qual a mensagem jurídica dessa música (87 anos depois – 2020)? Vamos à Lei Complementar nº 135/2010, chamada Lei da Ficha Limpa, no afastamento dos corruptos, nos crimes contra o patrimônio privado, o sis-

tema financeiro, lavagem ou ocultação de bens, e abuso do poder econômico.

Enfim, olhem as entrelinhas, o subliminar, e vejam os presentes personagens (carne e osso):

“Você tem palacete reluzente

Tem joias e criados à vontade

Sem ter nenhuma herança nem parente

Só anda de automóvel na cidade

E o povo já pergunta com maldade

Onde está a honestidade?

Onde está a honestidade?

O seu dinheiro nasce de repente

E embora não se sabe se é verdade

Você acha nas ruas diariamente

Anéis, dinheiro e até a felicidade

Onde está a honestidade?”

Procura-se por ela, até hoje.

*Titular da Cadeira nº X da ABrL



ENSAIOS,
ARTIGOS E
RESENHAS

RUMEN STOYANOV *

GRACILIANO RAMOS E A BULGÁRIA

A literatura brasileira entrou na Bulgária com dois pés direitos: Artur Azevedo e Machado de Assis. O ano foi 1938 e saiu um pequeno livro com contos deles, traduzido por Krum Yordanov provavelmente do francês; o título é *Dona Paula*. Depois reinou o que chamo de absolutismo amadiano na presença literária brasileira em búlgaro, começando por *Cacau e Sangue* (1949). Porém antes que isso acontecesse transcorreriam onze anos. O vazio não há de estranhar: a Segunda Guerra Mundial, na qual a Bulgária e o Brasil ficaram de lados opostos, seguida por uma radical mudança política, econômica e cultural na Bulgária, onde o poder foi tomado pelo Partido Comunista em 1944.

Ainda falta um estudo que analise o crescente número de textos que ao longo de oitenta anos vêm aparecendo das letras brasileiras na Bulgária. Ele traria à tona muitos dados surpreendentes, interessantes e completamente ignorados entre brasileiros. Na ausência duma pesquisa que ofereça uma informação abrangente e detalhada, não resta alternativa, senão apelar, por enquanto, a elementos parciais que seriam integrantes dum futuro panorama. Esta é a razão de abordar Graciliano Ramos através da Bulgária, pois, devido à barreira linguística, sem um olhar desde o coração dos Bálcãs os compatriotas dele não poderiam se inteirar do que já apareceu do alagoano num idioma tão diferente e geograficamente tão afastado a respeito do sertão. Além disso, estas páginas

permitiriam um acesso, mesmo mínimo, ao espaço narrativo do Brasil na Bulgária.

PRIMEIRO O PRIMEIRO: A PALAVRA

O campeão

Até agora Jorge Amado, com treze livros, três deles reeditados, encabeça a lista de autores brasileiros em búlgaro. Inicialmente, por falta de pessoas em condições de trabalhar diretamente com o português, apelou-se para dois intermediários, o inglês (*Cacau e Sangue*, 1949, 1951, respetivamente, com tradutores diferentes) e o francês (*Seara vermelha*, 1950; *O país das frutas douradas*, 1950; *O cavaleiro da liberdade* marca o começo de versões diretas ao búlgaro. Essa abundância de obras do escritor baiano leva à conclusão de que durante decênios é ele quem predomina na Bulgária e a ideia que aqui se tinha das letras brasileiras era praticamente a formada através do pai literário de dona Flor. Em 1964 apareceu o romance *Sol do meio-dia*, de Alina Paim, única e modesta intromissão na hegemonia amadiana. Bem mais tarde Paulo Coelho rivalizaria quanto ao número de livros publicados na Bulgária. Por tratar-se do País do Futebol, podemos expressar a correlação no placar e o resultado será 13 x 11, perdendo o carioca por dois gols.

Um ano notável

É nessa ambiência, dum predomínio amadiano quase completo, que vem o ano 1969, notável para a difusão da ficção brasileira, com a edição de *Vidas secas*, realizada pela Narodna Cultura (Cultura Popular) em Sófia. Fundada em 1944, a editora posteriormente se dedicou só a textos estrangeiros e nesse campo atingiu um altíssimo prestígio entre os leitores nacionais. Deixou de existir em 2004, mas tendo acumulado, ao longo de sessenta anos, no seu acervo uma enorme porção de obras-primas da literatura universal de todas as épocas, desde o Egito antigo. A Narodna Cultura foi um centro de colaboração dos melhores tradutores búlgaros naquele período. O romance teve uma tiragem de 10.100 exemplares, o que não foi nada mau, sobre tudo levando em consideração a quantidade de habitantes, na casa dos 8.000.000, e significa que foi lido por muitos. Saiu na Biblioteca Livros para Todos. O título, aliás o único brasileiro na série, levava o número 59, o que permite concluir que ela já contava com certa tradição, ou seja, dispunha realmente dum público. A capa foi desenhada por Alexandar Poplilov (1916 -2001), uma figura de destaque: chefe do Departamento de Artes Gráficas; do Departamento do Livro, da Ilustração e do Cartaz na Academia Nacional de Belas Artes e chegou a ser reitor dela. Poplilov era famoso na área dos livros, já que produziu ilustrações e capas por cima de 1.000. Para *Vidas secas* ele fez além da capa um desenho que representa Fabiano, dona Vitória e os dois meninos, na página que leva o título.

O tradutor é Rumen Stoyanov (1941). Ele escreveu também um pequeno posfácio, “Sobre o autor e o livro”, tão curto que dá para in-

cluí-lo na íntegra aqui. Hoje impressiona com sua ingenuidade e testemunha uma não escassez, senão uma comovedora falta de informação do que são o Nordeste e o sertão, o que explica o caráter destas poucas linhas. Confesso que as escrevi apenas porque a Editora insistiu, alegando, com razão, que os leitores deviam ter alguma referência ao romancista totalmente desconhecido para eles, algum apoio que facilitasse a compreensão do seu livro, mais ainda por tratar dum meio ambiente igualmente ignorado entre búlgaros. Aquela nota é a primeira coisa que redigi sobre o Brasil, onde em três estadas viveria dez anos; com prazer a passaria por alto, tão superficial que ela é. A única justificativa para não omiti-la é que faz parte do tema e em aras da objetividade não posso esquecer aquele fruto imaturo dum pena incipiente.

Pois aqui vai ele, agora visto por mim como um documento (mesmo que seu propósito não fora esse) da Guerra Fria, pois evidencia quão difícil era inteirar-se na Bulgária, dirigida pelo Partido Comunista, de aspectos da realidade no Brasil, governado pelos militares da direita. Os dois regimes eram inimigos e isso obstaculizava o conhecimento mútuo em qualquer domínio. Porém seria injusto culpar unicamente a situação política, havia outros fatores não menos importantes: quarenta anos atrás o mundo, ainda sem internet e todas as maravilhas e milagres do reino da informática, era incomparavelmente maior, a informação circulava dum modo muitíssimo limitado, lento e caro.

Sobre o autor e o livro

No Brasil, esse país-continente, país de tremendos contrastes, na vegetação, na arquitetura, nos tipos humanos e seu nível material e cultural, a palavra sertão não é apenas um termo geográfico que significa um enorme território no Nordeste, longe do litoral oceânico, úmido e benéfico. As horríveis secas e o regime social converteram o sertão num sinônimo sinistro de miséria e fome. E nessa região brasileira mais atrasada a existência do homem é mais difícil na amaldiçoada caatinga, uma planície acidentada, onde vaqueiros a cavalo pastoreiam gado semisselvagem em áreas cercadas de arame farpado por fazendeiros. Cactos e espinheiros com formas estranhas como seus nomes: macambira, xiquexique, mandacaru, quipa, palmatória... Árvores resistentes de nomes exóticos e sonoros: juazeiro, quixabeira, catingueira, jatobá, mucunha, sucupira, mulungu, baraúna, imburana... Pelas matas até agora varam os legendários cangaceiros. E por cima de tudo isso eleva-se o sol de fogo, que manda sofrimentos e morte. No verão seus raios trituram até o pó as folhas das árvores, matam de sede os bichos, afugentam pela fome os humanos dispersos na caatinga. Eles partem através do deserto queimado, passando ao lado de esqueletos níveos de animais mortos e de fundos poços rachados, secados, rumo a pequenos povoados, em meio do calor e também perecendo por água ou para o sertão não menos hostil do que a caatinga. No Nordeste brasileiro as secas e as desgrças não têm fim.

Dos pobres sertanejos na caatinga fala *Vidas secas*, das suas penas insuportáveis, do seu aguentar e vontade de viver.

Graciliano Ramos (1892-1953) se dá a conhecer como escritor já tendo passado dos quarenta. Direto até a brusquidão e fanaticamente honesto, ele nunca esteve contente com o escrito, considerava-o indigno de ser impresso. E seus poucos livros são publicados quase contra seu desejo. Ele não é dos romancistas que ditam diretamente às datilógrafas, era como se não escrevesse, senão trabalhasse numa pedreira, arrancando toda palavra antes de colocá-la na folha branca. Sempre procurando, ele repensa e corrige o escrito infinitas vezes, detesta as discussões literárias nos cafés e as intrigas da sociedade capitalina, encontra e ama seus personagens longe do Rio de Janeiro. Firmemente convencido da necessidade de ser construída uma nova sociedade, Ramos ingressa no Partido Comunista Brasileiro, a polícia o persegue e em 1935 bota-o na prisão. Editados postumamente, seus dois tomos de Memórias do cárcere evocam artisticamente aqueles meses difíceis.

Além de Memórias do cárcere e *Vidas secas* (1938) Ramos deixa apenas os romances *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1935), *Angústia* (1936) e a autobiográfica *Infância* (1945). Mas eles representam uma verdadeira viragem na narrativa brasileira, em cujas páginas até então dominavam a técnica e a estética dos mestres franceses e norte-americanos ou prepondera, também de maneira não muito convincente, a natureza exuberante e dura. Muitos dos livros da época há tempo que estão olvidados. *Vidas secas*, já com vinte e uma reedições no Brasil e traduzida a várias línguas, continua sendo uma obra reluzente e vigorosa e permanece não tanto por ser ainda a vida na caatinga seca, senão porque o autor soube revelá-la com a maestria dum grande artista.

Graciliano Ramos é um clássico das letras brasileiras do século XX. Através de suas obras ele cria um modelo de ficção nacional, sacudindo-a de descrições costumbristas torpes, de mostras estrangeiras, pelando-lhe as penas exóticas para poder ela se orgulhar hoje com nomes como Guimarães Rosa.

Que é isso?

Após o posfácio segue um “Glossário de palavras desconhecidas”, que, explicando-as facilita a compreensão delas (vinte e uma) e do contexto em que estão usadas. São principalmente nomes de plantas, colocadas em ordem alfabética: alastrado, angico, baraúna, vintém, jatobá, juazeiro, imbu, caatinga, cabra, canga-ceiro, catingueira, quipá, quipabeira, mandacaru, macambira, milréis, mucunha, mulungu, palmatória, sertão, sucupira, tostão, xiquexique. Como se trata de vegetais e outras coisas inexistentes em búlgaro, a única maneira de admiti-las na nossa língua foi acompanhá-las de pequenas explicações. Deste jeito *Vidas secas* foi uma fonte de vocábulos brasileiros no idioma búlgaro. A propósito deles, ainda falta um levantamento que junte todos e mostre quais são, quantos são, quando entraram, se sofreram algumas mudanças na grafia e as vias de sua penetração. Mesmo extensa, a tarefa não é difícil de realizar, bastaria ler os textos de ficção brasileiros traduzidos e o que os búlgaros escreveram sobre o gigante do trópico. Claro, a maioria dessas vozes tem um uso limitado ou limitadíssimo, mas estão em páginas búlgaras e algumas figuram não apenas em romances, contos, senão em dicionários de estrangeirismos, o que indica já uma posição estável no campo léxico nacional. Pouquíssimas têm uma

aplicação local, tal foi o caso de carioca, que foi uma marca de cigarros fabricados na Bulgária e vendidos em caixinhas de oito. Essa mercancia deu até um diminutivo, feito conforme a morfologia búlgara: cariotchka. Num futuro livro sobre as palavras brasileiras no país do alfabeto cirílico Graciliano Ramos terá seu lugar seguro.

Quase silêncio

Vidas secas suscitou apenas um comentário na imprensa. Como explicar esse quase silêncio, mais surpreendente ainda se pensamos que a tiragem foi alta? O que acontece é que em 1969 na Bulgária faltavam pessoas capazes de escrever sobre literatura brasileira, podiam-se contar nos dedos das mãos os indivíduos que dominavam o português. Outra causa não menos importante foi a falta de informação, para não dizer a ignorância acerca da realidade brasileira e em particular da nordestina, à qual me referi; sendo assim como abordar coisas que estavam inacessíveis a nós? Viviam-se os anos da Guerra Fria, da Cortina de Ferro, do Muro de Berlim e como se tudo isso fosse pouco, no Brasil o poder estava em mãos de militares anticomunistas e na Bulgária, os próprios comunistas que igualmente não gostavam de generais de direita. Essas circunstâncias cortavam as possíveis vias de comunicação entre os dois países e no caso que é objeto desta pesquisa o resultado foi um calar. Os búlgaros ainda não dispunham de elementos que permitissem uma recepção merecida, quer dizer à altura dos valores do romance seco por parte da crítica. Nesse contexto não há de estranhar a ausência de resenhas sobre o romance de Graciliano Ramos. Ela não impediu que a tiragem se esgotasse rápido, quer dizer, mesmo sem nenhum

apoio logístico a edição cumpriu seu destino, o de encontrar leitores.

Contudo, houve uma resenha, devida a Gueorgui Mitchev, escritor, jornalista, doutor em filosofia, no diário *Kooperativno selo*. Aqui vai conforme a cópia que o autor me dera e que está no meu arquivo:

Uma prosa dura, saturada de emoção e pensamento

A verdadeira arte jamais foi uma soma simples, mecânica de verdades triviais sobre a vida, ao igual que a vida jamais foi um vetor elemental, físico de alegrias e mágoas, de felicidade e infelicidade. E é tanto maior nossa alegria quando temos a oportunidade de entrar em contato com tal tipo de arte: forte com sua falta de pretensão, que nos conquista com sua compaixão para com os oprimidos, que inspira otimismo mesmo através de seu dramatismo.

Há pouco saiu do prelo o pequeno, modesto como volume e aspecto tipográfico livro Vidas secas do grande escritor brasileiro, desconhecido entre nós, Graciliano Ramos, dedicado com amor e simpatia aos habitantes das regiões de criação de gado pouco povoadas, infinitas no seu tamanho e variedade do Brasil: gente tanto rude como de bom coração, tanto valente como tímida, tanto desesperada da vida como humana. Com uma força inimitável e impactante destaca-se a dialética da vida em Graciliano Ramos: a rudeza convive com a meiguice, a crueldade limita com uma bondade angelical, o ódio para com a oprimente ordem social passa para um medo insuperável perante ela.

O livro de Graciliano Ramos nos mostra como se deve escrever sobre o campo: simples e inteligentemente, com riqueza de conteúdo e clareza, com honestidade e justiça. E então não pode deixar de gritar no ouvido do leitor a voz dura da grande verdade – uma voz defendendo a existência humana contra a brutalidade e o sadismo da ordem social burguesa.

O livro do escritor brasileiro, vertido com inspiração e talento pelo jovem tradutor Rumen Stoyanov, nos impacta com a força e a clareza cristalina de sua verdade rude, com o mordaz e a “falta de polimento” da linguagem e a arquitetura, que refletem o peso e o sofrimento daquelas vidas desumanas, domina com a cordialidade e o tom menor das constatações, nos ganha com o senso refinado de medida e ritmo, com a polêmica sem concessões em defesa do humano no homem, com a apologia calada, não declarativa deste mesmo Homem despersonalizado, desvalorizado e rebaixado a um animal, este instrumentum vocale de meados do século XX.

O livro é um poema tão triste quanto fascinante, com a força do sofrimento sobre uma sociedade brutal e uma civilização cruel, que impõem já desde o nascimento na consciência dos simples mortais, aos plebeus, o sentimento de estar de sobra; um relato comovedor sobre uma sociedade e uma civilização que não querem ou não estão em condições de dar ao homem a pequena felicidade que lhe toca, humanismo e calor, coisas que o marginalizado encontra no contato com os animais, membros inseparáveis e de plenos direitos da sua família, no contato com a natureza panteisticamente animizada: com o céu e a terra, com as árvores, as nuvens e as estrelas.

O livro *Vidas secas de Graciliano Ramos* é uma leitura fresca, suculenta acerca da vida pesada e triste do homem na sociedade de exploração, uma confirmação certa e indiscutível daquele pensamento lindo de D. Diderot que “a natureza é às vezes seca, mas a arte jamais deve ser seca”.

Vidas secas é uma revelação dolorida, um conto sobre o feio e o terrível na vida, na vida dos que estão lá “embaixo”, no fundo da ordem social burguesa, dos que procuram, mas não acham, dos que sofrem, mas não pagam nada com esse sofrimento, desencorajados pelo modo como é feita a vida, mas não pela vida em si.

O livro representa um interesse vivo para todo leitor que gosta duma prosa crua e vigorosa, ricamente saturada de sentimento e reflexão.

Estudemos, minha gente

Não seria de mais lembrar que o ensino de português começou aqui em 1975, por motivos nada filológicos: com a independência das ex-colônias africanas surgiu a possibilidade de que a Bulgária mandasse a elas especialistas (médicos, agrônomos, engenheiros, professores, etc.), e eles urgentemente deviam aprender a língua antes de irem lá. Quer dizer, aqueles cursos tinham uma finalidade muito prática, fora de qualquer olhar na história do Brasil literário, e os que passavam por eles não adquiriam elementos necessários para comentar textos de ficção.

Em 1992 inaugurou-se o curso de graduação em português. Este servidor foi seu primeiro responsável. A partir daquela data, ele fun-

ciona na Universidade de Sófia São Clemente de Okhrid, o mais antigo e mais importante centro de ensino superior no país. Anualmente vinte jovens ingressam neste curso, cujo nome oficial é Filologia Portuguesa. Houve uma época quando o português era lecionado em três universidades e dois colégios. Vale a pena mencionar para brasileiros quais são os organismos educativos que efetuaram a expansão do português na Bulgária. No nível superior são a Universidade de Sófia São Clemente de Okhrid; a Universidade São Cirilo e São Metódio, na cidade de Veliko Tarnovo, capital do país durante o Segundo Reino, que terminou em 1396, quando caiu sob dominação turca por quinhentos anos; a Academia de Economia, na cidade de Svistov, na beira do Danúbio. No nível médio são o Liceu Cervantes e o Colégio São Cirilo e São Metódio, ambos em Sófia.

Agora na Bulgária temos latino-americanistas que estão incomparavelmente acima dos seus confrades de quarenta anos atrás, mas não podemos retroceder ao ano 1969 e preencher o vazio crítico a respeito de *Vidas secas*. Eu gosto do romance, mas por não dirigir a máquina do tempo, nem simples carro, a única coisa que posso fazer para, em certa medida, remediar aquele silêncio compacto, é oferecer as presentes páginas atrasadas.

A literatura brasileira é lecionada durante dois semestres a todos os alunos de Filologia Portuguesa e o segundo inclui Graciliano Ramos. Como professor desta matéria posso dizer que já são centenas os egressos, pois cada ano admitem-se, mediante vestibular, vinte pessoas e devem assistir a aulas sobre o regionalismo nas letras brasileiras. Graças a doações, estudantes e professores dispõem

duma biblioteca, nela predominam os livros portugueses, mas na parte do além-Atlântico está *Vidas secas*. Nesta altura ler o romance no original é bem fácil via internet e os alunos aproveitam a oportunidade.

Fora desse curso obrigatório, na Universidade de Sófia há outro, dum semestre, optativo, sobre relações culturais entre o Brasil e a Bulgária, ministrado, em diferentes horários, por separado, a estudantes de Filologia Portuguesa e de Filologia Espanhola. Ou seja, inclusive pessoas que não sabem a língua de Graciliano Ramos também tomam conhecimento do seu lugar na presença do Brasil na Bulgária, pois uma vez falo sobre o romance (e os contos dele) e outra vez sobre o filme homônimo dirigido por Nelson Pereira dos Santos.

Sempre na Cátedra (ou seja Departamento) de Hispânica e Portugalística, é possível fazer doutoramento em literatura brasileira. O candidato, para ser admitido, é necessário que seja aprovado num exame escrito sobre ela. O temário contém quinze perguntas, a número doze é “Regionalismo. Graciliano Ramos e a prosa “documentária”. Isto e o exposto anteriormente permitem constatar que ele está bem presente (para ser exato, dum modo quántuplo) dentro da brasilística na Universidade de Sófia: nas aulas de letras brasileiras; a versão búlgara de *Vidas secas*; o filme baseado no livro; dentro do curso de relações culturais bilaterais; no exame para doutoramento.

Um entorno brasileiro com letras cirílicas

Como *Vidas secas* é romance, trago uma relação com todos os títulos no mesmo gênero de autores brasileiros publicados até o momento na Bulgária. Esta enumeração pormenorizada permite ver em que companhia Fabiano, dona Vitoria, os meninos e a cachorra Baleia caminharam com seus pés esquartejados por um país socialista.

I. Jorge Amado:

1. *Cacau e Sangue*, 1949, 1956.
2. *Seara vermelha*, 1950.
3. *O país das frutas douradas*, 1950.
4. *Os subterrâneos da liberdade*, 1955.
5. *Gabriela, cravo e canela*, 1961.
6. *Os pastores da noite*, 1969.
7. *Os velhos marinheiros*, 1972, 1978.
8. *Mar morto*, 1975.
9. *Jubiabá*, 1975.
10. *Dona Flor e seus dois maridos*, 1984, 2007.
11. *Farda, fardão, camisola de dormir*, 1987.
12. *Tocaia Grande e Face obscura*, 1992.
13. *A descoberta da América pelos turcos*, 2008.

II. Alina Paim:

1. *Sol ao meio-dia*, 1964.

III. Graciliano Ramos:

1. *Vidas secas*, 1969.

IV. Bernardo Guimarães

1. *A escrava Isaura*, 1988.

V. Paulo Coelho:

1. *O alquimista*, 1997.
2. *O Monte Cinco*, 1998.
3. *Na margem do Rio Piedra sentei e chorei*, 1999.
4. *O diário de um mago*, 2000.
5. *Verônica decide morrer*, 2000.
6. *Onze minutos*, 2003.
7. *O demônio e a senhorita Prim*, 2001.
8. *Manual do Guerreiro da Luz*, 2002.
9. *Zahir*, 2005.
10. *A bruxa de Portobello*, 2007.
11. *Brida*, 2008.

2 + 2 =

.....

Somando, até dezembro de 2008 temos 27 romances de 5 brasileiros vertidos ao búlgaro e *Vidas secas* é um deles. O lapso envolve 60 anos, pois o primeiro, *Cacau e Sangue*, data de 1949. Dos cinco escritores, três (Alina Paim, Graciliano Ramos, Bernardo Guimarães) figuram cada qual com uma obra, as restantes estão divididas, não sei se fraternalmente, mas quase por igual entre Jorge Amado e Paulo Coelho. Em vista de que o primeiro faleceu, a perspectiva mais provável seria um desempate a favor da Coelhoada. E no panorama búlgaro do romance brasileiro uma hegemonia individual seria substituída por outra. Esses dois absolutismos sucessivos obviamente empobrecem a imagem traçada perante os búlgaros do que é aquele romance latino-americano, não só porque nenhuma narrativa nacional pode ser

reduzida a dois homens, quaisquer que sejam eles, senão porque no caso do País Tropical ele é riquíssimo e extraordinariamente variado. Paulo Coelho e Jorge Amado estão quase iguados, por enquanto, no número de títulos, este último mesmo assim leva uma vantagem considerável, pois durante o socialismo seus livros atingiam tiragens impressionantes, impossíveis depois de 1989, quando o Estado, em face das mudanças políticas e econômicas, entregou as editoras em mãos de particulares. Vejamos as cifras, tal como se acham na Biblioteca Nacional São Cirilo e São Metódio:

Gabriela, cravo e canela – 12.100 exemplares.

Os velhos marinheiros (1972) – 12.700.

Tocaia Grande e Face obscura – 15.000.

Farda, fardão, camisola de dormir – 20.125.

Mar morto – 30.110.

Jubiabá – 30.110.

Dona Flor e seus dois maridos – 30.125.

Os pastores da noite – 40.100.

Os velhos marinheiros (1978) – 40.120.

O resto dos livros de J. Amado não tem anunciadas as tiragens, razão pela qual ficam fora da contagem. Mesmo assim, pode-se dizer que não está nada mal um texto (*Os velhos marinheiros*) ter 52.820 exemplares. Como é prática talvez quase comum, por motivos extraliterários os editores de Paulo Coelho não colocam as tiragens e não é possível fazer uma

comparação, mas é difícil crer que elas possam emular com as do socialismo e seu todo-poderoso Estado.

Vidas secas, junto com *Sol ao meio-dia* e *A escrava Isaura*, representa uma triple racha entre os duas hegemonias, do ilheense e do carioca.

A lista cronológica permite ver a obra-prima do alagoano dentro dum processo e, também, sacar a conclusão de que, durante o mencionado período de seis decênios, em menos de três anos aparecia como promédio um romance brasileiro. Se este ritmo é péssimo ou satisfatório cada qual pode opinar conforme seu próprio critério. Para uma avaliação mais ou menos objetiva seria preciso estabelecer comparações com os quadros em outros países receptores de romances brasileiros. Como ignoro as situações neles, não quero julgar o que acontece na minha terra, inevitavelmente cairia num subjetivismo. Eu preferiria que os dois absolutismos cedessem lugar a uma dúzia de outros nomes, mas isto fica para o dia quando virasse dono do mercado nacional de livros.

Mexendo com cifras

Quanto a *Vidas secas* quero frisar que não nos devemos guiar apenas pela quantidade de títulos e no caso deste romance seu lugar no quadro narrativo do Brasil em búlgaro se determina não pelo número de páginas, mas pela qualidade e é neste sentido que o romance de Ramos não fica nada eclipsado por Amado e Coelho. Relendo as datas acima expostas, dá para notar que *Vidas secas* apareceu exatamente vinte anos depois do primeiro romance brasileiro entre os búlgaros (1949). Outra ob-

servação oportuna seria que estamos nas vésperas dos 40 anos da publicação de *Vidas secas* na língua de Cirilo e Metódio, santos da Igreja Ortodoxa e da Católica, por terem criado, em 855, a escrita búlgara, ou seja eslava, a quem o papa João Paulo II declarou, junto com são Benedito, padroeiros da Europa. É por isso que gostaria de render com as presentes linhas uma modesta homenagem aos 40 anos de presença de Graciliano Ramos na Bulgária.

O sertão já tinha chegado à Bulgária

É preciso dizer que em 1956 saiu *Geografia da fome*. Assim, este trabalho, aliás, único da sociologia brasileira em búlgaro, resultou, em certo sentido, um predecessor de *Vidas secas*, porque Josué de Castro coloca cientificamente o problema da escassez de água e do consequente pauperismo no Nordeste, sobre os quais versa, com os recursos da ficção, Graciliano Ramos. Os dois textos estão separados por treze anos. Imagino que esta foi a causa, mas o livro de Castro não serviu como fonte de conhecimentos para comentários sobre o de Ramos. Os dois foram lidos por círculos diferentes?

Sendo o sertão cenário de *Vidas secas*, aproveito a oportunidade para acrescentar que a temática brasileira nas letras búlgaras partiu diretamente do sertão, o de Minas Gerais. Matvei Valev (1902-1944) viveu entre 1931 e 1934 naquele Estado, para onde tinha emigrado um irmão seu. A experiência como horticultor e agricultor lá permitiu a Valev, novamente na pátria, publicar na imprensa contos sobre mineiros, que reuniu em 1937 na coletânea *Poeira atrás das boiadas*. Morreu pelas montanhas da Albânia como voluntário na Segunda Guer-

ra Mundial. Em 1988 foi recuperado, a partir dum manuscrito, seu romance com o sintomático título *Fazenda no sertão*.

Outro caso igualmente curioso é o de Samuil Stresov, autor do primeiro livro búlgaro escrito em castelhano, *Anga* (1929, Buenos Aires). A narração autobiográfica leva pela Macedônia, Bulgária, Argentina, Paraguai e o Brasil, onde o protagonista entra atravessando a nado o Iguazu perto das Cataratas, portanto bem longe do sertão. Porém o livro ainda permanece inédito em búlgaro e sua contribuição à temática brasileira é conhecida só por meio de escassos comentários críticos. A questão da temática brasileira nas letras búlgaras exige um levantamento à parte, mas só para ilustrar que ela vai ampliando seu perímetro eis os nomes mais eminentes: Elissaveta Bagriana, poetisa, candidata ao Prêmio Nobel, e os narradores Svetoslav Minkov, Petar Bobev, Liuben Khrisoforov.

Um bode brasileiro entre bichos do mundo inteiro

Novamente foi a Narodna Cultura que lançou Graciliano Ramos. Agora num livro coletivo, *Contos sobre animais*, 1971. O compilador Pentcho Simov explica num breve “Em vez de prólogo” que operou somente com textos estrangeiros, deixando a Bulgária fora da seleção. Ela começa com Hans Cristian Andersen e seu lindo “Patinho feio”. No resto do total de trinta e seis autores vemos monstros sagrados como Maupassant, Tolstoi, Tchekov, Jack London, Turguenev. Nesta escolha temática a América Latina está com cinco representantes: Graciliano Ramos (Brasil), Horacio Quiroga (Uruguai),

Alejo Carpentier (Cuba), Guillermo Blanco e Francisco Coloane (Chile). Quer dizer, o critério aplicado não foi de cada país um homem. A honra da fauna brasileira está confiada a “História de um bode”, tomada, claro, de *Alexandre e outros heróis*. O tradutor é Rumen Stoyanov, que fez também as versões do cubano e do uruguaio. Vale a pena reparar na tiragem: 20.100. Exatamente o dobro de *Vidas secas*. Levando em consideração que um exemplar frequentemente é lido por mais de uma pessoa, não seria exagerado afirmar que talvez trinta mil búlgaros se divertiram com a exuberante e audaciosa fantasia do marido de dona Cesária. A dedução é que as poucas páginas de seu Alexandre e do bode percorreram mais leitores do que as muitas de Fabiano e da Baleia.

Coisas de Embaixada

A Embaixada Brasileira em Sófia desde 2003 vem publicando livros nacionais. Já são quatro, o quinto, *Canaã* de Graça Aranha, está por sair, bilíngues e sem valor comercial. A distribuição dos exemplares começa pelos que estudam e ensinam português na Universidade de Sófia São Clemente de Okhrid, na Universidade de Veliko Tarnovo São Cirilo e São Metódio e no Liceu Cervantes. Todos os professores das diferentes matérias nos dois cursos de graduação e no colégio falam o português europeu, a única exceção é este servidor. O bilinguismo das edições permite abrir janelas para as particularidades do português no Brasil.

A série inclui *Sete contos brasileiros* (2003), *Outros contos brasileiros* (2005), *Poesia brasileira contemporânea* (2006) e *Missa do galo* por Machado de Assis e *Baleia e Ciúmes* por Gra-

ciliano Ramos (2007). Os *Sete contos* abrangem Machado de Assis, Lima Barreto, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Márcio Souza, Rubem Fonseca e Dalton Trevisan. Nos *Outros contos*, Editora Pet Plus, os nomes são quase o dobro, doze: Antônio de Alcântara Machado, Rachel de Queiroz, Antônio Fraga, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Autran Dourado, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Adélia Prado, Raduan Nassar, Moacyr Scliar e Márcia Denser. Na nota biobibliográfica “Rachel de Queiroz” o compilador da coletânea, que escreveu também a “Introdução”, José A. Lingren Alves, naquela altura Embaixador em Sófia, observa: “Embora já houvesse na literatura brasileira um livro, então recente, que usava a seca nordestina – flagelo natural perene que continua a provocar migrações populacionais internas – como pano de fundo, *O quinze* é considerado o texto inaugural verdadeiro do ciclo do denominado “romance nordestino” (de que participariam, entre outros, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado).”

Em 2007 a Embaixada continua, através da Editora Oglelado (Espelho), a série bilíngue. Desta vez a escolha, cujo título é *Contos brasileiros*, cai sobre Machado de Assis e Graciliano Ramos. A coleção, traduzida por Vera Kirkova, abre com uma “Introdução”, nela o Embaixador Paulo Americo V. Wolowski diz: “A publicação da presente antologia, que reúne contos de Machado de Assis e de Graciliano Ramos – escritores brasileiros que, por sua consagração em nível mundial, dispensam comentários adicionais aos já presentes no prefácio desta obra – representa o empenho do Governo brasileiro, com o apoio do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, em dar sequência ao programa de edição, de anos an-

teriores, de coletâneas bilíngues (português e búlgaro) de contos e de poesias de autores brasileiros renomados.” Graciliano Ramos figura com “Baleia” e “Ciúmes”, tomados respectivamente de *Vidas secas* e *Insônia*. Após as duas peças vêm “Dados Biográficos” com o seguinte teor:

“**Graciliano Ramos** nasceu em 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo, no estado de Alagoas. É reconhecido como um dos maiores romancistas brasileiros.

Ao longo de sua vida, colaborou com diversos jornais e revistas, como *Correio da Manhã*, *A Tarde*, *O Século* e *Jornal de Alagoas*, entre outros. Trabalhou como jornalista, revisor de provas tipográficas, além de comerciante, diretor da Imprensa Oficial e também prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas, tendo renunciado ao cargo antes de completar o mandato.

Traduziu *A Peste*, de Camus, e *Memórias de um Negro*, de Booker T. Washington. Escreveu também obras de literatura infantil, além de crônicas, contos, memórias e romances. Em 1951, foi eleito Presidente da Associação Brasileira de Escritores.

O conto ‘Baleia’, apresentado nesta coleção, constitui parte do livro *Vidas Secas*, sua obra-prima, que indo além da representação de uma realidade regional, aborda, com maestria, temas universais, como a opressão, o sofrimento e a dificuldade de comunicação, e é reconhecido como um dos maiores romances da literatura nacional.

Faleceu em 20 de março de 1953.”

Como nota à parte, igualmente anônima, aparece mais “Principais Obras”:

Romances

Caetés (1933);
São Bernardo (1934);
Angústia (1936);
Vidas secas (1938);

Memórias

Infância (1945);
Memórias do cárcere (1953);
Viagem (1954);
Linhas tortas (1962);

Livros infantojuvenis

A terra dos meninos pelados (1939);
Histórias de Alexandre (1944);
Histórias incompletas (1946).

Há um prefácio, “Setenta anos de contos brasileiros na Bulgária” (p. 7-15), de Rumen Stoyanov, com apenas duas referências das que aqui interessam, mas elas não trazem nada fora do que já foi exposto neste estudo:

“O ano de 2007 os completa (os livros de contos brasileiros em búlgaro, n. m., R. S.) com Machado de Assis e Graciliano Ramos, traduzidos por Vera Kirkova.”

“De 1971 é a coletânea *Contos sobre animais*”, compilada por Pentcho Simov. Entre os trinta e seis autores, encabeçados por Andersen, está incluído Graciliano Ramos com “História de um bode”, versão de Rumen Stoyanov. Outros latino-americanos são os chilenos Fran-

cisco Coloane e Guillermo Blanco, o uruguaio Horacio Quiroga e o cubano Alejo Carpentier. (*Vidas secas*, uma pequena, pelo tamanho, joia da novela brasileira, aparecera em búlgaro em 1969, traduzida por Stoyanov).”

Uma voz do interior

O jornal *Literaturen glas* (*Voz literária*) no número 137 de setembro de 2008 publicou o conto “Uma canoa furada”. Foi fundado em 1928 em Sófia, onde deixou de existir em 1944 com a tomada do poder pelo Partido Comunista. Graças a seu renome na vida cultural da nação, voltou a circular em 1992, desta vez em Stara Zagora, cidade situada na Trácia, a região onde nasceu Orfeu, que antes de ser um ser mítico e o maior músico de toda a humanidade, fora uma personalidade de carne e osso e os búlgaros de hoje são descendentes diretos do povo dele, os trácios, posteriormente misturado com bulgáricos e eslavos, quer dizer a fusão búlgara atual. A peça, ao igual que “História de um bode”, pertence a *Alexandre e outros heróis*. Está acompanhada por uma reprodução do quadro “Barcas” de Mário Jekov, um dos melhores marinheiros nacionais. Como um destaque especial as letras do texto e o quadro estão impressos não com tinta preta, como é o resto do jornal, senão verde. Tradutor: Rumen Stoyanov.

Vamos rir, pessoal

Starchel (*Zangão*) é o jornal humorístico de maior prestígio na história da imprensa búlgara. Foi fundado em 1886 na capital. Naquela primeira etapa existiu durante vários meses. Renasceu em 1930, mas na cidade de Popovo,

e sobreviveu com apenas dois números. Nos quarenta voltou a ter sua redação em Sófia (1940-1941). Igual a uma Fénix de papel, cobrou vida novamente em 1946 e desde então não deixou de circular, uma vez por semana. No seu auge, constatável pelos anos setenta, atingiu uma tiragem de 600.000 exemplares, a segunda no território nacional, superada, naturalmente, pelo diário do Partido Comunista no poder. Não está nada mal que uma população de 8.000.000 tenha um jornal humorístico de 600.000, né? Rir é muito saudável, garante a medicina, mas todas as variantes dele, a ironia, a gozação, o sarcasmo, as gargalhadas, a sátira, a comédia, a palhaçada são igualmente recomendáveis para a saúde da política e da sociedade.

Desde 1964 o *Starchel*, cuja história é impressionante, promove o concurso internacional Aleko para contos humorísticos, algo raríssimo, a julgar pelo fato que em toda a Europa atualmente (2008) há só mais um evento dessa índole. Realiza-se na cidade italiana de Bordighera e, levando o mesmo nome, data de 1953. No seu número 3.256, de 17/10/2008, o semanário incluiu “A espingarda de Alexandre”, traduzido por Rumen Stoyanov. A peça veio reforçar a participação do Brasil no *Starchel*, já bem sólida, pois a partir de 2005 pelas suas páginas passaram Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Ferreira Gular, Dalton Trevisan, Luis Fernando Verissimo, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Ivan Ângelo, Maria Lindgren. Este conjunto converteu o semanário numa tribuna do conto humorístico brasileiro. Qualitativa e quantitativamente (alguns, sobretudo Verissimo, estão lá por mais de uma vez) estes onze nomes equivalem a uma excelente

coletânea de contos humorísticos do Brasil e Graciliano Ramos faz parte dela com uma aventura de Alexandre.

Olhem para trás, é ele

Curiosamente, com esse mesmo Aleko (de sobrenome Konstantinov, 1863-1897) iniciou-se a presença literária búlgara entre brasileiros. Há quase um século, em 1915 a famosa revista *Careta* publicou no Rio de Janeiro o conto dele “Sociedade de temperança”, constituindo deste jeito uma triple primazia: é a primeira vez que algo das letras búlgaras sai no País do Carnaval, em português e na América Latina. Hoje não podemos determinar quem foi o tradutor e de qual idioma. Mas estamos na véspera do centenário das relações literárias búlgaro-brasileiras. Será que por este motivo alguma instituição terá a ousadia de organizar um simpósio em que sejam apresentadas numerosas e interessantíssimas provas de vínculos entre os dois povos? Deposito minha esperança na Universidade de Sófia, é nela que funciona um curso de graduação em português e seus professores e ex-alunos constituem o núcleo da brasilística búlgara que está em condições de realizar, junto com brasileiros, que têm a desvantagem de não saber búlgaro, uma tarefa desse tipo. Vamos ver, disse um cego.

Falando já a sério, como é recomendável que se proceda numa monografia, para mim é uma grande satisfação ter sido ninguém menos que Drummond quem se lembrou (após sessenta anos!) daquele conto e me mandou uma cópia xerocada do original da sua coleção pessoal da *Careta*, explicando em cartas o caso. E os búlgaros devemos, com muita gratidão, a

Drummond o pequeno descobrimento que me permitiu estabelecer o ano 1915 como inicial da presença das nossas letras no Brasil, na América Latina e em toda a lusofonia, apesar de que pela proximidade geográfica seria bem mais lógico esperar e procurar um primeiro passo no Portugal europeu e não abaixo do equador. Parece que o *Starchel*, sem dar-se conta, retribui, com um enorme atraso, aquele simpático gesto carioca nos anos da Primeira Guerra Mundial, abrindo hospitaleiramente suas páginas para numerosos contos brasileiros, participantes do Concurso Aleko ou não.

Fabiano e família falam em russo

Pois é, mesmo analfabeta, aquela família falou na língua de Tchekov, Tolstói, Dostoevski: de 1961 é a edição de *Vidas secas*, com tradutores S. Brandão e Z. Tchernova, da Goslitzdat (Editora Estatal de Literatura), Moscou, dentro da série muito lida O Romance Estrangeiro do Século XX. Isto significa que Graciliano Ramos entrou na Bulgária primeiramente através do russo. E talvez por meio de algum outro idioma do campo socialista, já que em Sófia houve centros culturais da URSS, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, República Democrática Alemã e eles ofereciam livros não só de autores nacionais, mas também de estrangeiros traduzidos. Não disponho de dados que aqui se tivessem vendido livros de Ramos naqueles idiomas (excetuando russo), mas não excluo essa eventualidade. Durante o período em que o Partido Comunista estava no poder (1944-1989) este levava uma política de relações muito estreitas com o País dos Sovietes e como parte dela os búlgaros, no ensino médio e superior, obrigatoriamente estudavam duas

línguas estrangeiras, uma ocidental (francês, alemão, inglês, espanhol) e russo. Devido à enorme semelhança dele com o búlgaro (talvez 80% das palavras sejam comuns, a principal diferença é que o russo declina os nomes e o búlgaro deixou de fazê-lo, sendo como idioma analítico a única exceção entre todos os eslavos, que permanecem sintéticos), para nós resulta fácil ler em russo, ele usa o nosso alfabeto cirílico. Havia numerosas livrarias russas nas cidades e até em algumas búlgaras funcionavam setores com edições russas. De maneira que milhares de edições russas distribuíam-se, amplamente aqui, a preços baixíssimos.

Sendo assim, não seria exagerado afirmar que a obra de Graciliano Ramos ficou conhecida na Bulgária via Rússia. A prova é que dois títulos dele ainda podem ser consultados em bibliotecas públicas e eu mesmo possuo o segundo, comprado em Sófia, que é *São Bernardo*, editado em Leningrado (agora Petersburgo) pela Khudojestvennaia Literatura (Literatura de Ficção), 1977. O volume contém, além do romance homônimo, uma seleção de oito contos: “A testemunha”, “A prisão de José Carmo Gomes”, “Dois dedos”, “O advogado Nunes Leite”, “O senhor Mota”, “Chico Brabo”, “O estribo de prata” e “História de uma bota”. O romance verteram L. Brevern e V. Tchegegovaia, sobre os contos trabalharam V. Fedorov e L. Brevern. Ina Terterian produziu um extenso “Prefácio”. O. Skolozubov fez 32 desenhos, dois deles na capa e na contracapa. Com certeza, eu não fui o único entre meus compatriotas que adquiriu um exemplar dos 50.000 da referida edição, portanto realmente búlgaros leram Graciliano Ramos em russo.

Aqui circulava abundantemente, em bibliotecas públicas e lares, a revista soviética *Inostrannaia literatura (Literatura estrangeira)* e o escritor alagoano, sem dúvida, teria sido publicado nela: era militante do Partido Comunista Brasileiro, visitou aquele país, escreveu sobre ele (*Viagem*, 1953). Com frequência ela abria-se até para romances inteiros, que depois apareciam como livros, tal foi o procedimento, por exemplo, com *Cem anos de solidão*.

Ao longo daquele quase meio século do nosso passado recente uma grandíssima quantidade de búlgaros estudavam, trabalhavam, faziam especializações, turismo na URSS, participavam de todo tipo de eventos culturais, políticos, desportivos, profissionais, o que, junto com os numerosos matrimônios mistos, aumenta ainda mais a possibilidade de que búlgaros conhecessem Ramos mediante o russo. Por isso, para ser fiel aos fatos, tive que apelar para ele, do contrário a imagem do brasileiro entre meus patrícios perderia uma parte inegável e importante.

Com certeza absoluta, na Bulgária o Velho Graça foi e é lido predominantemente em búlgaro, a tiragem de 10.100 de *Vidas secas* é a prova contundente, que de longe supera os exemplares russos e cubanos em mãos de meus patrícios. Mas no tocante à cronologia a língua búlgara ocupa o terceiro lugar, precedida pela russa e pela espanhola. Esta presença tripartite de Graciliano Ramos conduz à seguinte conclusão: apesar de que o título é *São Bernardo*, o romance e os oito contos que o acompanham não repetem os textos que estão em búlgaro.

Uma excelente companhia

Como ficou claro, na Bulgária Graciliano Ramos é conhecido igualmente como contista. Vejamos a quem mais temos conseguido trazer do Brasil até o fim do ano 2008. Espero que a enumeração não seja chata, minha intenção não é esta, ao contrário, quero mostrar que o criador de Fabiano, dona Vitória e sua prole não é um solitário representante do conto nacional, aliás tão admirável em suas cimeiras, invejavelmente numerosas, no passado e na atualidade. Então, venha a crescente lista dos contistas brasileiros na Bulgária:

Machado de Assis, Artur Azevedo, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Murilo Rubião, Sérgio Sant'Anna, Moacyr Scliar, Monteiro Lobato, Dias da Costa, Sérgio Faraco, Guilherme Figueiredo, Miroel Silveira, Leonardo Arroio, Edilberto Coutinho, Vasconcelos Maia, Herberto Sales, Wander Piroli, Lucia Aizim, Otto Lara Resende, José Mauro de Vasconcelos, Ferreira Gular, Ivan Ângelo, Paulo Mendes Campos, Ciro dos Anjos, Maria Lindgren, Dalton Trevisan, José Sarney, Danilo Galera, Clarice Lispector, Ronaldo Cagiano, Márcio Souza, Rubem Fonseca, Antônio de Alcântara Machado, Rachel de Queiroz, Antônio Fraga, Fernando Sabino, Autran Dourado, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Victor Giudice, Adélia Prado, José J. Veiga, Raduan Nassar, Márcia Denser.

Sem a menor dúvida, o balanço búlgaro do conto brasileiro é sumamente positivo, visto que entre os quarenta e oito sobressaem mestres dos mais consagrados na arte de contar

histórias ou estórias. As mulheres são cinco e esta correlação quantitativa reflete a situação na terra natal, onde entre os escritores bem de longe predominam os do sexo forte. O mais importante, porém, é que na Bulgária o panorama do conto brasileiro é incomparavelmente mais diversificado em comparação com o romance. Se neste último saltam à vista duas hegemonias muito sólidas, até imbatíveis (a de Jorge Amado e a de Paulo Coelho), que pelo menos num futuro próximo em absoluto seriam incomodadas, na comunidade formada pelos contistas não há monopólio algum e nela facilmente (um conto sente-se à vontade num jornal, um romance não) entram penas que até agora não tiveram essa chance. Estão traduzidos textos de Bernardo Élis, nada menos que o excelente e comovedor “A enxada”, Mário de Andrade, “Primeiro de maio”, etc. Ou seja, na Bulgária as perspectivas perante o romance e perante o conto do Brasil são diametralmente opostas: conservar o monopólio constituído por duas hegemonias, dito em termos extracientíficos, de corpos fechados; ganhar cada vez mais nomes novos.

Pensando nos cinco romancistas, dos quais três (Ramos, Paim, B. Guimarães com um título cada um) e nos quarenta e oito contistas, a constatação é que estes últimos do ponto geográfico cobrem uma parte bem mais vasta do espaço nacional em contraste com os primeiros. Não culpo ninguém, nem tomo partido, constato uma realidade na qual os dois gêneros narrativos se movem conforme suas características técnicas, principalmente os tamanhos que lhes são possíveis. O mosaico que os contos compõem perante os búlgaros é muito diferenciado temática, ideológica, temporal e ambientalmente, mais comentários nesta direção

ficam para o livro *O conto brasileiro na Bulgária*, aquele que, podem estar seguros, nunca será escrito. Mesmo assim, sem lê-lo, quem foi Presidente da Associação Nacional de Escritores com toda certeza estaria contente se tivesse a relação dos quarenta e oito confrades.

Vi(v)a Cuba

Outra fonte que ajudou a penetração de Graciliano Ramos entre búlgaros foi Cuba. Em 1964 a Casa de las Américas lançou na sua *Collección Literatura Latinoamericana Vidas secas* com uma tiragem de 5.000, o ilustrador é Félix Beltrán. Sem o nome do tradutor e com um “Prólogo” de José Rodríguez Feo. (A omissão é completamente em unísono com a política editorial que a Revolução levava naquela época e consistia na colocação seguinte: não temos dinheiro para pagar direitos autorais, por isso publicamos do exterior o que nos serve sem pedirmos autorização e permitimos que os estrangeiros façam o mesmo com escritos nossos.) Foi meu primeiro contato com texto de Ramos, naquela altura eu cursava na Universidade de Havana língua espanhola e literatura cubana e hispano-americana. Com toda razão admito que não fosse o único búlgaro que adquiriu o romance. Durante trinta anos (1959-1989) a Bulgária e Cuba desenvolveram relações muito estreitas e frutíferas, a tal ponto que no campo socialista somente a gigantesca União Soviética superava nosso país quanto ao tamanho e profundidade de colaboração com a Ilha. Para que alguém se aproxime à ideia da intensidade dos vínculos bilaterais, talvez bastaria mencionar que havia tantos técnicos em várias áreas da vida que trabalhavam naquele Estado caribenho que para os filhos deles fun-

cionava na capital uma escola búlgara de onze graus. Naturalmente, muitos daqueles especialistas e suas famílias compravam edições cubanas e voltavam à Europa com bibliotecas em castelhano. É por isso que posso afirmar sem nenhuma hesitação: *Vidas secas* foi lido por búlgaros em espanhol. A conclusão inevitável impõe-se por si só: Graciliano Ramos chegou a búlgaros nesta ordem cronológica: russo, espanhol, búlgaro e português.

O Uruguai também manda brasa

Cedendo para a Nacional, a segunda em importância na capital búlgara é a Biblioteca Municipal. Nela a partir de 19 funciona uma Sala de Lectura de Español. Praticamente, trata-se duma pequena biblioteca (com obras de ficção ibéricas e latino-americanas, enciclopédias, dicionários e outros livros de consulta, revistas, jornais). E nela, inesperadamente, encontra-se uma edição uruguaia intitulada *Alexandre y otros cuentos*, Amauta, 1991, Montevideo. As páginas são 48, talvez explicável a quantidade tão reduzida por destinar-se a crianças. O tradutor José M. Obaldía escolheu quatro peças: “Primeira aventura de Alexandre”, “O olho torto de Alexandre”, “A espingarda de Alexandre” e “A doença da Alexandre”, precedidas pelas notas “Las mentiras nordestinas” e “Graciliano Ramos”, respetivamente de uma e duas páginas. Na contracapa de novo seguem as linhas de mais uma nota. O pequeno corpo de papel está abundantemente ilustrado, quinze desenhos, o primeiro na capa.

O castelhano é, após o inglês, o idioma estrangeiro mais ensinado na Bulgária, o que permite supor que esta edição minimalizada

contribui, modestamente, para a imagem entre nós do narrador mestre.

Minha culpa ou pequenas curiosidades

Seria ótimo abordar a questão das traduções ao búlgaro de Graciliano Ramos. Mas como estou involucrado nelas, não me resta alternativa senão, lamentavelmente, evitá-las e limitar-me ao que de jeito nenhum possa ser entendido como avaliação, pois qualquer parecer meu neste campo direta ou indiretamente conduziria para uma autoalusão. Só posso dizer, a título de memórias, que trabalhei sobre o romance e “História de um bode” quando ainda não havia nenhum dicionário português-búlgaro.

Na versão búlgara *Vidas secas* não é *Vidas secas*. Nem Baleia é Baleia. Não cabe aqui matutar acerca de algumas peculiaridades da morfologia búlgara, mas a formação de plural dos substantivos, ao lado do português, é duma complicação considerável. Esta foi a razão para converter *Vidas secas* em *Vida seca*: nem tudo o que está bem bolado no original tem a mesma sorte numa língua que se baseia em elementos próprios e diferentes.

Cachorra e baleia são do feminino, mas no búlgaro baleia é do masculino. Como não sou partidário das mudanças de sexo, aliás naquele 1969 elas ainda não se praticavam, que atraso! preferi trocar o nome do bicho e substituí Baleia por Tubarão (Akula), que é do feminino. Deste jeito a Baleia virou Tubarão, pelo menos os dois bichos são do mar. Quase quarenta anos após aquela operação não transexual e sim transonomástica, a cachorra voltou a ladrar

com seu nome Baleia: Kirkova não o traduziu ou explicou. Como a cachorra não fala nem em português, em búlgaro permaneceu sem proferir uma só palavra, mas em compensação teve uma aventura onomástica, graças à qual em búlgaro dispõe de dois nomes, o primeiro deles pode ser interpretado como um pseudônimo. Mesmo assim, essa inofensiva aventura linguística não pode equiparar-se às dos animais nas histórias de Alexandre.

Hora de presentes

A tradução de *Vidas secas* me permitiu ganhar dois livros da senhora Heloisa Ramos. Ela me mandou a *Sófia São Bernardo e Alexandre e outros heróis* com dedicatórias. Uma diz: “Ao Senhor Rumen Stoianov, esperando que Paulo Honório de ‘São Bernardo’ seja tão feliz em seu país como foi Fabiano de ‘Vidas Secas’, envio os meus melhores agradecimentos. Heloisa Ramos. Rio, 20/6/69.” E a outra: “Para o Senhor Rumen Stoianov, os meus agradecimentos pela grande contribuição que vem dando, na divulgação da obra do meu esposo Graciliano Ramos, em seu País. Heloisa Ramos. Rio, 1969.”

Naquele junho o homenageado tinha vinte e sete anos e obviamente ser tratado de senhor com maiúscula foi uma cortesia excessiva, mais convinha um “rapaz”, aliás, durante o socialismo éramos camaradas.

Os dois volumes são da Editora Martins. Dela guardo também *Insônia* como lembrança duma palestra que dei na Universidade de Brasília sobre letras brasileiras e, claro, Graciliano Ramos, na minha pátria. Falei a convite do professor e crítico literário Fritz Salles e ele

escreveu “Ao Rumen Stoyanov com a simpatia do Fritz Salles”, sem data, acho que o modesto evento deve ter sido por volta de 1974.

Quando fui ao Brasil, onde trabalhei na Legação (depois Embaixada) Búlgara e permaneci três anos e meio (1972-1975) visitei a viúva do mestre e ela me presenteou ainda com o álbum *O pintor Jenner Augusto*, nascido em Sergipe, mas artista da Bahia e apresentado por Jorge Amado, contendo vinte e quatro reproduções.

Cartão de visita

Ao Brasil cheguei três anos após a publicação búlgara de *Vidas secas* e lá ela virou uma excelente carta de recomendação que me tirava do anonimato entre os abundantes funcionários das missões diplomáticas e me convertia numa pessoa bem-vista por parte dos brasileiros. Ao ouvirem que eu era tradutor de *Vidas secas*, eles olhavam para mim com verdadeiro interesse, simpatia e benevolência, o que me abria portas nos meios intelectuais. Como se eu entregasse um cartão de visita em que não dizia o costumeiro Fulano de tal Embaixada, senão Tradutor de Graciliano Ramos. Assim, rapidamente me dei conta do profundo respeito e da grande admiração que ele gozava na sua terra. Se me entrevistava em jornais, suplementos literários, rádios, televisões, não era por búlgaro, nem por diplomata, e sim por ter recriado em letras cirílicas Fabiano, dona Vitória, os dois meninos e Baleia, e a eles e acima deles é ao seu pai literário que devo a honra de chamar a atenção de jornalistas, críticos, escritores, poetas. Os brasileiros geralmente ficavam surpresos de que num país tão afastado

geográfica, histórica, étnica, cultural, economicamente e mais ainda oposto no plano político (em 1969) alguém soubesse do grande romance pequeno e sobretudo se desse o trabalho de traduzi-lo. Quando me apresentavam a um público de ouvintes, espectadores ou a beltrano, sicrano, as gentilezas habituais muitas vezes se encerravam com “tradutor de *Vidas secas*”.

Havia uma falta no meio do caminho

São dezenas e dezenas os textos dispersos pelo Brasil nos quais fica registrado que este servidor superou a barreira linguística com *Vidas secas*. Uma pesquisa detalhada e exaustiva requer trazer aqui todos os casos em que o nome de Graciliano Ramos figura em notas, artigos, entrevistas, prólogos, palestras, lições no Brasil e relacionados com a Bulgária. Porém se eu fosse por esse caminho teria que acumular uma quantidade de dados e respectivos comentários tão copioso que não caberia nos limites do presente trabalho. Outra solução seria recorrer a uma seleção representativa. Mas como sacrificar tanta coisa? Não sei se é a melhor opção, mas decidi não mexer nelas com a esperança de que um dia seja possível um livro inteiro *Graciliano Ramos e a Bulgária* e nele colocar tudo o que vai desde 1972, quando entrei pela primeira vez no Brasil, até 2007, quando a Editora da UnB lançou meu livro *Drummond e a Bulgária*, 294 páginas. Naqueles dez anos que estive no Brasil (1972-1975, 1992-1995, 2001-2004) fui, gratuitamente, professor da Universidade de Brasília e na Faculdade de Letras tive um curso de quatro semestres sobre língua búlgara e outro, de um semestre, sobre a presença literária do Brasil na Bulgária. Acerca desta última matéria fui convidado a falar em universi-

dades fora do Distrito Federal, nomeadamente na Universidade de Campinas, na Universidade da Paraíba e na Universidade Pluricultural em Caldas Novas. Em todas elas e em muitas outras oportunidades Graciliano Ramos era uma referência imprescindível.

Com base no supradito faço questão de sublinhar que o assunto Graciliano Ramos e a Bulgária não está esgotado, porque falta a parte brasileira em que o nome dele associa-se com o do meu país.

HÁ MAIS: A IMAGEM

Sim, senhor após a palavra, é a hora e a vez da imagem. E esta parte extraliterária não é menos surpreendente do que a precedente: na longínqua Bulgária o nome de Graciliano Ramos está ligado ao cinema.

Uma amizade entre diretores

Os desejosos de saber quando e como o cinema brasileiro deu seus primeiros passos na Bulgária teriam que memorizar o nome de Gueorgui Stoyanov ou simplesmente Bigor, se por comodidade nos valemos do pseudônimo artístico dele. Nasceu em 1925 numa aldeia na Trácia de Orfeu, participou da Segunda Guerra Mundial, estudou Direito e se formou em História e Teoria do Teatro na Academia Teatral Krastiu Sarafov, em Sófia, especializou-se em Zagreb, Moscou, Leningrado, Paris, foi membro ou presidente de júris nacionais e internacionais, com missões cinematográficas esteve em 58 países, ganhou como guionista e diretor prêmios nacionais e estrangeiros, etc., etc.

Sendo primeiro Diretor da Fílmoteca Nacional Búlgara (1960-1976), a deixou, graças a um labor incansável de maníaco apaixonado, com 18.000 fitas, o que a colocava naquela época entre as mais ricas do mundo. Uma confirmação dessa situação invejável é que a Federação Internacional das Cinematecas celebrou em Sófia um dos seus congressos (1966).

Em 1968 a capital búlgara foi sede do Festival Mundial da Juventude, e do Brasil veio uma delegação numerosa. Nela estava Cosme Alves Neto, Diretor da Cinemateca Nacional junto ao Museu de Arte Moderna no Rio. Quis conhecer Bigor, já notável pela sua atividade como integrante do Comitê Executivo da Federação Internacional das Cinematecas. A iniciativa de Alves Neto virou uma amizade duradoura com seu homólogo balcânico e deu por resultado uma colaboração institucional muito frutífera. Mais tarde Cosme frisaria: “Para a popularização da arte cinematográfica búlgara no Brasil contribuiu em grande medida a Cinemateca Nacional Búlgara, a primeira cinemateca europeia que estabeleceu contatos conosco. Nós recebemos muitos filmes interessante em base de troca – búlgaros, soviéticos, alemães – que enriqueceram nosso fundo.” Em 1969 Bigor voou ao Rio de Janeiro, onde se organizou uma Semana do Cinema Búlgaro, repetida em Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, São Paulo. Em contrapartida, a Cinemateca Búlgara recebeu, pelo acordo assinado no Rio de Janeiro, um verdadeiro acervo brasileiro de trinta e duas fitas, seis delas sendo documentários:

1. *Simão, o Caolho*, diretor Alberto Calvante, 1952.
2. *Sinhá Moça*, Tom Payne, 1953.

3. *Rio, 40 graus*, Nelson Pereira dos Santos, 1955.
4. *O cangaceiro*, Vitor Lima Barreto, 1953.
5. *O pagador de promessas*, Anselmo Duarte, 1962.
6. *Barravento*, Glauber Rocha, 1962.
7. *Ganga Zumba, Rei dos Palmares*, Carlos Diegues, 1963.
8. *Vidas secas*, Nelson Pereira dos Santos, 1963.
9. *Os fuzis*, Ruy Guerra, 1963.
10. *Deus e o diabo na terra do sol*, Glauber Rocha, 1963.
11. *Viramundo*, Arnaldo Jabor, Geraldo Sarno, 1964.
12. *Selva trágica*, R. Farias, 1964-1965.
13. *Memórias do cangaço*, Paulo Gil Soares, documentário, 1965.
14. *Roda e outras histórias*, Sérgio Muniz, Geraldo Sarno, 1965.
15. *São Paulo*, Luiz Sérgio Person, 1965.
16. *A grande cidade*, Carlos Diegues, 1965.
17. *Brasília, construção de uma cidade nova*, J. P. de Andrade, documentário, 1967.
18. *O caso dos irmãos Naves*, Luiz Sérgio Person, 1967.
19. *O bandido da luz vermelha*, Rogério Sganzerla, 1968.
20. *Antologia do cinema brasileiro*, Jurandir Passos Noronha, documentário, 1968.
21. *O anjo nasceu*, Júlio Bressane, 1969.
22. *O profeta da fome*, Maurice Capovilla, 1969.
23. *Os herdeiros*, Carlos Diegues, 1969.
24. *Os Inconfidentes*, Joaquim Pedro de Andrade, 1973.
25. *Toda nudez será castigada*, Arnaldo Jabor, 1973.

26. *O amuleto de Ogum*, Nelson Pereira dos Santos, 1974.

27. *Perdida*, Carlos Alberts Prates Correia, 1975.

28. *Pecado na sacristia*, Miguel Borges, 1976.

29. *Na estrada da vida*, Nelson Pereira dos Santos, 1980.

30. *Um mercado, um mercado de peixe*, documentário (sem data).

31. *Interregno*, documentário.

32. *João Formiga*, documentário.

Apenas dois passaram, com fins comerciais, pela rede de cinemas e são *O cangaceiro* e *São Paulo*. Em compensação, também são dois os que tiveram sorte contrária: não sendo propriedade da Cinemateca Nacional Búlgara, foram exibidos ao amplo público: *O Rei Pelé*, dirigido por Nelson Rodrigues, Fabio Cardoso, Hugo Cristensen, e *Bye bye Brasil*, do diretor Carlos Diegues.

Panoramizando

Esse lote precioso permitiu a Bigor (que através dos seis idiomas que domina obtinha informação sobre a cultura do país sul-americano, que visitara cinco ou seis vezes – nos conhecemos em Brasília), realizar nos anos setenta dois Panoramas do Cinema Brasileiro. Os eventos tiveram lugar no teatro capitalino Drujba (Amizade), hoje Odeon. E neles foi exibido *Vidas secas*. Os Panoramas se repetiram nos cineclubes de Plovdiv, Pleven, Pazardjik. Isto significa que o filme de Nelson Pereira dos Santos foi visto em quatro cidades. Curiosamente, o título foi traduzido *Terra seca*.

Em 1973 a Cinemateca Nacional Búlgara levou a efeito um extenso panorama do cinema revolucionário latino-americano. Por esse motivo Sílvia Setchanova produziu o trabalho *Cinema revolucionário latino-americano*, editado naquele ano pela Cinemateca. Com o título “Brasil – Cinema Novo – fuzil contra fuzil”, as páginas de 21 a 28 vão dedicadas ao País do Carnaval. A autora dá uma visão rapidíssima sobre sua cinematografia desde 1903, concentrando-se no Cinema Novo, Vitor Lima Barreto e sobretudo Glauber Rocha. Naquele capítulo lemos: “Os filmes *Vidas secas*, *Rio 40 graus*, *Rio Zona Norte*, *Terra em transe*, *Deus e o diabo na terra do sol* atraíram a atenção da crítica e dos espectadores, em qualquer país em que aparecessem.”

Uma confirmação fidedigna de que *Vidas secas* foi exibido em panoramas vemos no compêndio *Cinemateca Nacional Búlgara 1960-1975*, datado do mesmo ano. O último capítulo é “Repertório fílmico” e traz, em ordem alfabética, uma lista dos países cujas fitas foram passadas naquele lapso. As páginas 111 e 112 são do Brasil e na última delas figura a obra de Nelson Pereira. Aquela edição, que cobre os primeiros quinze anos da Cinemateca Nacional, não foi completada por outra e isso dificulta o acesso ao repertório posterior a 1975 e eventualmente dar de novo com *Vidas secas*.

Vejam a telinha

Ao longo de quase 16 anos Bigor apresentava pela Televisão Nacional o programa Kinopanorama (Panorama de Cine). Emitido duas vezes por mês em horário nobre, nos anos setenta e oitenta, ele era muito assistido. Por

razões de direitos autorais (as fitas de cinematotecas não podem ser utilizadas com fins lucrativos) passavam-se fragmentos como material ilustrativo da palestra. Foi nesta forma parcial que Bigor trouxe à telenha os retirantes e Baileia, havendo comentado a obra que mostra a vida como ela é.

Meu xará de sobrenome, com quem não tenho nenhum laço familiar, nos primeiros dias de 2009 me contou ainda o seguinte. “Eu gosto muito de *Vidas secas*. Por isso nas minhas palestras o filme era muito destacado.” Bigor é um admirador da arte cinematográfica latino-americana, em primeiro lugar a brasileira. e realmente contribuiu grandemente para sua difusão aqui. Ele esteve no México, Chile, Peru, Cuba, Argentina, Uruguai, Bolívia, Costa Rica, Venezuela, Panamá, Guatemala, Jamaica, Suriname. São contadíssimos os búlgaros que durante a Guerra Fria podiam entrar na Guatemala, Bolívia, etc. E Bigor, que, aliás, manteve contatos com Glauber Rocha, é um deles e colheu impressões de lá diretamente, as quais se converteram num verdadeiro amor à América Latina, ao Brasil. Essa admiração não foi turismo e falação, ou dito com as palavras de Bigor: “Os anos setenta aqui passaram sob o signo do cinema latino-americano como uma corrente da vanguarda mundial.” Da parte búlgara o mérito pessoal corresponde a Bigor, como do lado brasileiro é de Cosme Alves Neto. Interrogando Bigor, ele me disse ainda: “Eu era amigo do diretor italiano Roberto Rossellini. Ele apreciava muito *Vidas secas* e o qualificou assim: Isto é um modelo de autêntico filme neorrealista.”

Aí vem um reforço cultíssimo

Em 2004 a Editora Colibri lançou o segundo volume da *História do Cinema* pelo eruditíssimo na problemática Todor Andreikov. Ele organizou seu livro em oito capítulos e o penúltimo intitula-se “O cinema na América Latina” (p. 319-390), subdividido em “Aproximações à América Latina e sua cultura”, “Argentina”, “México” e “Brasil”. Em vinte páginas o autor expõe a evolução da arte cinematográfica, muda e sonora, do Brasil, desde a primeira projeção de cinemascopo: filmes de ficção, documentários, imprensa especializada. Na página 379 se lê: “Nos anos 20 e 30 aparece uma nova e forte geração de escritores, entre os quais Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade (este sobrenome é muito difundido pelo Brasil e os três não têm parentesco algum), como também Graciliano Ramos, o futuro autor do célebre *Vidas secas*, que estreia com *São Bernardo* (1934).”

Falando na fita *O descobrimento do Brasil*, dirigida por Humberto Mauro, Andreikov observa: “O filme tem a pretensão sincera de recriar veridicamente toda a história do país: o descobrimento, o período colonial, o período da independência, a formação da nação brasileira. Em realidade, o maior problema da obra é justamente a autenticidade da recriação histórica e ele não está solucionado até o fim pelo autor. Isso dá um fundamento ao escritor Graciliano Ramos para apontar num dos seus raros textos sobre cinema: ‘A cortesia excepcional dos portugueses para com os índios em realidade encobre a matança que a colonização do país representa. A ditadura do Presidente Vargas, que precisamente naquela altura adquire um caráter abertamente pró-fascista,

não perdoa a conduta independente do escritor, que por longo tempo foi botado na prisão” (p.389 -390).

Roteirista, Diretor da Cinemateca Nacional, Todor Andreikov (1934-1997), continua sendo uma alta referência como crítico. Tem um grandíssimo mérito para a melhor compreensão do cinema brasileiro na Bulgária, pois foi ele quem introduziu a América Latina dentro da matéria História do Cinema Mundial, que lecionou ente 1984 e 1997 no Instituto Superior de Arte Teatral, atualmente chamado Academia Nacional de Arte Teatral e Cinematográfica. Sua *História* é consultada não apenas pelos alunos da Academia, mas igualmente por numerosas outras pessoas interessadas no assunto.

Uma mulher assume as aulas

Aos nomes de Bigor e Andreikov devemos adicionar o de Boriana Mateeva (1952), que a partir de 2005 ministra, na Academia Nacional de Arte Teatral e Cinematográfica, a matéria denominada História do Cinema Ibero-Americano, que ela herdou de Andreikov. Pelo curso, de dois semestres, devem passar todos os alunos de Teoria e História do Cinema e nele cabe *Vidas secas*, analisado como um feito no percurso profissional de Nelson Pereira dos Santos e no Cinema Novo. Mateeva, atualmente a maior autoridade búlgara quanto a cinema latino-americano (prova disso é, além da sua atividade docente, que ela foi integrante de júris de festivais em Buenos Aires e Havana), é leitora na Universidade de Cinema (que não tem estatuto de organismo de ensino superior) junto à Cinemateca Nacional, onde ela traba-

lha. No VI semestre Mateeva pronunciou a X lição sobre o cinema na América Latina: O Cinema Novo do Brasil, a 19 de dezembro de 2008, no já mencionado Odeon. A palestra focalizava principalmente Glauber Rocha, e o filme que a ilustrou foi *Deus e o diabo na terra do sol*, mas houve referência a *Vidas secas*. Pesquei o caso por ter sido quem fez a tradução simultânea do filme. O exemplo equivale a dizer que, mesmo sem poder documentá-lo eu, *Vidas secas* é comentado por distintos motivos e em diferentes oportunidades. Lembro que por volta de 1969-1971 fui chamado a fazer o mesmo tipo de tradução de *Vidas secas* para estudantes universitários, búlgaros e estrangeiros.

Só ele

A existência da versão cinematográfica de *Vidas secas* na Bulgária confere à imagem de Graciliano Ramos uma característica específica: entre todos os literatos brasileiros vertidos ao búlgaro apenas ele conta com uma fita baseada num texto dele. Mais ainda: é o único escritor brasileiro citado como crítico de cinema. É neste sentido que ele fica fora dos perímetros de Jorge Amado e Paulo Coelho, que são muito mais conhecidos aqui, porém não via cinematográfica.

Quarenta anos

Como pode ser avaliado ainda o lugar que ocupa Graciliano Ramos na área cada vez mais ampla de literatos brasileiros na Bulgária?

Ele entra aqui 31 anos depois do primeiro livro do seu país em nosso idioma (*Dona*

Paula, 1938). Um período, que até o momento cobre 70 anos, no qual o alagoano dá seu passo inicial entre nós quase na metade, mas o faz com o melhor da sua produção de romancista, *Vidas secas*. Relativamente em breve ele surge como contista (1971, “História de um bode”). E segue um hiato de 36 anos, interrompido por “Baleia” e “Ciúmes” (2007). Essa lacuna, porém, não é absoluta: Ramos entrementes é detectável repetidamente no cinema, na televisão e nos programas de estudo de dois centros de ensino superior. Mas no plano puramente literário essas quatro décadas podem ser subdivididas em duas etapas, 1969-1971 e a partir de 2007. Descontando a citação como crítico de cinema, constata-se que em búlgaro o Velho Graça mostra duas facetas diametralmente opostas: o dramatismo (em *Vidas secas*) e o humorismo (nos contos de *Alexandre e outros heróis*). Como em 1969 saiu, além da novela dele, também *Os pastores da noite* de Amado, este fato exige pensar naquele ano como particularmente forte nos vínculos literários bilaterais. São dois os tradutores que trouxeram ao búlgaro escritos de Ramos: Kirkova, Stoyanov. No contista predominam peças protagonizadas por seu Alexandre, de *Insônia* é uma. O contista brasileiro mais traduzido ao búlgaro é Luis Fernando Verissimo.

Já num nível pessoal, eu devo e sempre deverei um enorme obrigado a Graciliano Ramos: sua obra-prima é o primeiro texto que traduzi do português, o posfácio que vai anexado é a primeira coisa que escrevi a respeito do Brasil, meu labor como brasilista começou nada menos que com *Vidas secas*. Mais uma razão de encarar as presentes páginas como uma humilde homenagem de admiração e gratidão para o mestre da narrativa seca.

*Rumen Stoyanov, poeta, ensaísta e tradutor, é professor universitário em Sófia. Doutor *Honoris Causa* pela UnB. Publicou, entre nós, *Observatório*, de Liubomir Levchev (tradução; Montanha, S. Paulo, 1975), *Poemas no Brasil* (Civilização Brasileira, Rio, 1981), *Drummond e a Bulgária* (Editora UnB, 2007).

TANIA SERRA *

A ATUALIDADE DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, 200 ANOS APÓS SEU NASCIMENTO, E O “NOVO ROMANTISMO DC (DEPOIS DA COVID 19)”

“O diabo é que em política (...) quem fecha uma porta abre outra e, quando não quer abrir, às vezes o povo arromba”. (Macedo in *Memórias do Sobrinho do meu Tio*. 1868)

“(A principal função da estética romântica foi a de) fazer o ‘reencantamento’ do mundo pela imaginação”. (Michael Löwy in *Romantismo e Política*. 1993)

“Devemos encontrar uma maneira de cuidar uns dos outros, como se fôssemos uma só tribo”. (T’Challa, rei de Wakanda. 2018)

Joaquim Manuel de Macedo nasceu na pequena vila de Itaboraí, no Rio de Janeiro, num dia de inverno tropical, dia de São João, em 24 de junho de 1820, dois anos somente antes da Independência do Brasil. Teve sua formação durante a Regência e o I Reinado, e toda a sua obra apareceu no contexto do II Reinado e do Romantismo na história da literatura brasileira. Neste ano de 2020, portanto, queremos comemorar o bicentenário do nascimento do lendário autor d’*A Moreninha*, também patrono da cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras. Contudo, o quê queremos comemorar: a vida; a obra; o legado; a atualidade? Assim, com o objetivo

precípua de homenageá-lo no âmbito da Academia Brasileira de Letras, proponho aqui garimpar de sua vida e obra os fatos e temas que me parecem mais pertinentes, não só a fim de lembrar e parabenizar, como, principalmente, para tentar evidenciar como muitos deles permanecem ainda atuais nos dias de hoje, duzentos anos após seu nascimento.

Dessa maneira, o objetivo inicial deste trabalho será o de contextualizar o período literário chamado Romantismo, tanto na Europa, quanto no Brasil, e verificar, dentre as mensagens características da escola, quais mostraram-se também escolhas do nosso autor, e em que medida poderiam tocar o público do século XXI, já que creio ser possível afirmar estarmos presenciando, neste momento histórico específico, um ressurgimento do que é ontológico no Romantismo, a saber, o aflorar de uma nova utopia romântica e de um novo humanismo nela embutido. Um segundo objetivo deste trabalho seria, então, identificar essa tendência, e tentar ver se ela permitiria constatar uma mensagem ainda atual na releitura do autor fluminense. Após contextualizar brevemente a escola literária Romantismo, passarei a abordar os quatro aspectos da pergunta inicialmente colocada, isto é, aspectos de vida, obra, legado e atualidade em Macedo, sendo que a terceira questão, o legado, tanto em vida, quanto após sua morte, será abordada em todos os blocos, a fim de mostrar a relevância de Joaquim Manuel de Macedo dentro da História da literatura brasileira. Posteriormente, como mencionado acima, tentarei evidenciar como aquelas escolhas

preferenciais seguiriam pertinentes no começo desta terceira década do III milênio e constituiriam a essência mesmo da estrutura temática que possibilitaria um novo romantismo DC, ou seja, depois da Covid 19.

O movimento romântico na Europa inicia-se por volta da segunda metade do século XVIII. Segundo Arnold Toynbee, em *An Historian's Approach to Religion*, ocorreu ainda no século XVII uma secularização da vida no Ocidente, que deu início a uma profunda crise moral, decorrente do progressivo abandono do modelo social ético-religioso adotado até então. Desse fato, resulta uma subsequente divinização da tecnologia e uma laicização do comportamento social. Por conseguinte, advém, também, não só o declínio de um **modus vivendi** baseado na ética católico-cristã, mas também a anulação de muitos tabus sociais, que passam a ser aceitos com naturalidade pelo pré-capitalismo trazido no bojo da nova ética protestante-cristã. Concomitantemente, a burguesia fortalece-se e passa a dominar o cenário socioeconômico, instalando uma nova práxis social.

Por sua vez, quando aquela burguesia assume de fato o poder político, já no século XVIII, fica estabelecido o mote e definida a ideologia que embasará a oposição crítica dos artistas em geral contra o mundo cinzento, ganancioso, tecnologicamente racionalista e aético do novo protagonista social: o rico burguês. Portanto, a partir de meados do século XVIII já existiria uma linha temática de crítica social “engajada” em literatura, da qual o exemplo máximo seria a obra prima de Goethe, seu icônico *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Na verdade, o movimento romântico

traz, necessariamente embutido em seu bojo ideológico, a proposta de uma nova utopia, de um novo humanismo, que se contrapõe e pretende substituir a ideologia imediatista e argentária surgida com a Revolução Industrial. Sobretudo, essa nova tendência trazia naquela enfática crítica social uma postura de oposição, de revolta a favor das liberdades individuais, da imaginação e da criatividade.

A fim de lançar uma ideia comparativa, peço agora que olhemos sob um outro enfoque a essência daquela proposta e perguntemos: em qual centro nevrálgico ressoaria a utopia romântica nestes tempos terríveis em que a peste abateu-se uma vez mais sobre nosso planeta? Creio que uma pista bastante plausível poderia vir do pensamento de Michael Löwy em *Romantismo e Política*, ainda bastante elucidativo sobre o que poderia ser o fulcro da atualidade da mensagem romântica, pois ela “faz(...) o reencantamento do mundo pela imaginação”, e permitiria a substituição da realidade indesejada pela nova, sonhada. Vejamos o que diz o pensador francês:

O que é Romantismo? Enigma indecifrável, (...) o fato romântico parece desafiar a análise científica, (...) sobretudo por seu caráter fabulosamente contraditório, sua natureza de **coincidentia oppositorum**: a um só tempo revolucionário e contrarrevolucionário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, restitutionista e utopista, democrático e aristocrático, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual. (...) (A principal função da estética romântica foi a de) fazer o ‘reencantamento’

do mundo pela imaginação. (Löwy, p. 11 a 21. Grifos meus).

Otto Maria Carpeaux, em seu monumental *História da Literatura Ocidental*, afirma também não haver uma homogeneidade na escola romântica. Ele fala mais em romantismos, no plural, do que em um romantismo. Segundo ele, existiriam duas grandes vertentes que subdividiriam a escola, a saber: os “romantismos em oposição”, quando veiculam uma explícita crítica social, e os “romantismos de evasão”, quando essa crítica é implícita. Contudo, ambas as vertentes são por ele analisadas sob uma ótica ideológica e compreendidas como

literatura política, mesmo e justamente quando pretende ser apolítica. Aplicar-se-ia a todos (os escritores) o apelido depreciativo que Napoleão deu aos filósofos: ‘ce sont des idéologues’. Responderam, criando uma literatura ‘ideológica’, que se situou conscientemente fora da realidade social, ou evadindo-se dela, ou então atacando-a. Eis o ‘Romantismo’. (CARPEAUX, vol. V, p. 1107).

Utilizarei os dois conceitos acima na análise da literatura de Macedo e penso mesmo poder afirmar que a mensagem encontrada em decorrência dessa leitura político-ideológica seria uma das razões pelas quais ainda podemos falar de atualidade em nosso autor novecentista, já que a louvação dos valores humanistas fazem parte do patrimônio imemorial da espécie humana, desde a Antiguidade Clássica. Assim, aquela crise moral a qual se refere Toynbee será a questão medular em torno da qual girará a crítica social romântica, sobretudo

do quando esta lida com o tema dos excluídos, com a necessidade premente de educar o povo pela literatura e com a urgência em traçar um programa moral, a fim de instalar uma nova ética humanista, todos esses temas abordados por Macedo.

Por outro lado, a questão da crítica social no Brasil, e mais especificamente no Dr. Macedinho, apareceria tanto sob a ótica do romantismo de evasão, sobretudo pela utilização da ideia do **bon sauvage**, de Rousseau, transportada para o cenário urbano, quanto sob o ponto de vista do romantismo em oposição, já que se encontram também nele temas como o do feminismo, ou o da “caída” de alma branca. Em verdade, é necessário enfatizar que Joaquim Manuel de Macedo navegou tranquilamente entre esses diversos “romantismos”, e em cada uma de suas duas fases, que designei como “das mocinhas” e “dos adultos”, vemos diferentes exemplos deles, tanto de evasão, quanto em oposição. Vejamos mais de perto agora o homem e sua obra.

Em vida, o Dr. Macedinho foi um verdadeiro “homem dos sete instrumentos”, já que foi médico, professor de História e Corografia do Brasil no Colégio Pedro II, deputado, jornalista político, historiador, Secretário e Orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), membro do Conservatório Dramático, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Naval e do Conselho Diretor de Instrução Pública da Corte, além de professor particular de História e Corografia das princesas reais Isabel e Leopoldina. Tendo nascido na pequena classe média, lançou-se, qual Balzac brasileiro, numa trajetória de ascensão social, através da busca da glória literária. Homem que sempre se ba-

lizou por um estrito código de moral e ética na vida pessoal, opta por ingressar na política, sempre pelo Partido Liberal e, em vinte anos, o deputado já é uma **living legend** na capital do Império. Assim, Joaquim Manuel de Macedo foi sempre um homem público por excelência, pertencendo à vertente romântica que procurava na literatura uma função didática, a fim de educar o povo – primeiro legado em vida que oferece à corte do II Reinado –, que o lê, deliciada, já que se reconhece fielmente retratada na ficção do autor fluminense, ao mesmo tempo conterrâneo e contemporâneo.

Na introdução que redigi ao livro dedicado a Macedo na coleção *Migalhas*, de Miguel Matos, escrevi sobre o que viria a ser seu segundo legado em vida: forjar um Norte ético para a sociedade brasileira:

Em agosto de 1864, o Imperador Pedro II convida um importante deputado do Partido Liberal para ser Ministro dos Negócios Estrangeiros no Gabinete que se vai formar no dia 31. Este recusa!... Sua Majestade manda-o chamar e insiste para que aceite, então, a pasta do Império. Nova recusa: ‘Majestade, diz ele, admita-se que eu tenha as qualidades que Vossa Majestade me atribui; mas não sou rico, requisito indispensável a um Ministro que queira ser independente; e eu não estou para sair do Ministério endividado ou ladrão.’

O deputado era Joaquim Manuel de Macedo, e aquela postura é o seu ‘cartão de visitas’ moral. Contudo, ela é ainda mais: é também a concretiza-

ção de uma proposta de choque ético, programada pelos escritores românticos para ser aplicada à sociedade. Assim, o ideário romântico é o contexto sob o qual podem ser analisados tanto o autor, quanto sua obra, que só poderia ser bem compreendida hoje à luz da ideologia que permeia toda essa literatura, mesmo a de evasão, aqui compreendida, conforme o afirmava Otto Maria Carpeaux, como literatura política. (SERRA, Introdução. In MATOS, *Migalhas de Joaquim Manuel de Macedo*).

A extensa obra do Dr. Macedinho pode ser dividida entre trabalhos ficcionais e não-ficcionais, e, como homem de letras, também teve extraordinária fecundidade: foi romancista, contista, poeta, dramaturgo, comediógrafo e cronista. Não há um gênero em que não tenha experimentado a pena. Tendo publicado *A Moreninha*, em 1844, apenas quatro anos após a coroação de D. Pedro II, o livro torna-se um **best-seller** instantâneo, sendo necessária uma 2ª edição logo no ano seguinte, seguida de uma 3ª edição em 1849. E assim seguiu publicando, tornando-se em poucos anos “o ídolo querido” de que fala Alencar em suas memórias. Nessas duas décadas, vê serem acolhidas com semelhante boa vontade pelo público pelo menos mais duas obras, *O Moço Loiro* e *A Nebulosa*, romance gótico em versos, que teve a publicação, em 1857, bancada pelo próprio Imperador. Publicou ao todo, em ficção: dezesseis romances, um livro de contos, dezesseis peças de teatro, dois livros de crônicas, dois livros de crônicas romanceadas, poesias esparsas e um poema-romance. Na verdade, Macedo e os outros intelectuais românticos providenciam o

que seria um terceiro legado ao público, a saber: a criação de um corpus e de um cânone da literatura brasileira.

Gostaria de examinar agora a questão da recepção crítica à obra do Dr. Macedinho, já que é uma maneira de garimparmos a atualidade do autor junto ao público. É possível afirmar que ela é-lhe bastante favorável hoje em dia, embora tenha passado por um período de extrema negação, a partir do fim do século XIX. Na conclusão do meu trabalho de doutorado, intitulado *Joaquim Manuel de Macedo ou os Dois Macedos, a Luneta Mágica do II Reinado*, eu afirmo que: “um autor – e romântico, ainda por cima – que merece a reedição constante de dez romances, não é um autor qualquer” (p. 241). Referia-me à constante reedição de seus romances, mesmo mais de cento e setenta e cinco anos após a 1ª edição d’*A Moreninha*. Wilson Martins, que foi meu querido orientador de tese de PhD, na New York University, na sua gigantesca e extraordinária *História da Inteligência Brasileira* afirma:

É preciso dizer (...) que Macedo vale mais do que *A Moreninha* e do que *O Moço Loiro*; a sua verdadeira potencialidade – e a potencialidade do romance romântico no Brasil – expressou-se em livros como *Rosa* (...). O romance urbano, na e da sociedade brasileira do século XIX, encontra em Macedo o seu verdadeiro criador, que, mesmo no nível da qualidade, nada perde em cotejo com José de Alencar (...). Macedo, ao contrário do que geralmente se pensa, lançou o romance social (nos dois sentidos da palavra), mais do que o herói romanesco. (...) A

sua releitura o aponta, sem sombra de dúvida, como dos grandes patriarcas da arte do romance entre nós. Ou da história do romance brasileiro na sua vontade de se transformar em arte de literatura.

(...) Toda a sua obra é feita de observação de costumes e crítica social – e ele era um autor que tomava claramente partido, empenhando-se com paixão romântica em denunciar os crimes e erros. (MARTINS, vol. II, p. 301-302 e 413-414).

Já a crítica negativa, que mencionei antes, começa a mudar apenas no século passado, quando Sílvio Romero dedicou um capítulo inteiro da sua *História da Literatura Brasileira* ao teatro de Macedo. Contudo, é preciso reconhecer que somente na 3ª ed. da *História* vai ser inserido aquele capítulo, e apenas quando o crítico sergipano já estava morto, pois foi seu filho quem publicou essa nova edição, em 1943. De todo modo, o referido capítulo já estava pronto, embora engavetado... Referindo-se à comédia *O Fantasma Branco*, de 1856, Romero diz que:

as comédias de Macedo são superiores aos seus dramas, como crítica dos costumes, como documentos da vida nacional. Por elas é que o autor fluminense se prende a Martins Pena e toma lugar distinto entre os escritores nacionalistas.

Conhecem-se seis comédias do autor de *Cobé* (...). *O Fantasma Branco* é uma espécie de ópera-cômica, ao gosto das de Antônio José. (...)

Tibério foi militar, chegando ao posto de capitão; distinguia-se por mofino e poltrão. Chegou a ficar popular esta personagem de comédia.

O Capitão Tibério é no Brasil o tipo do militar covarde, medroso e ridículo em fanfarronadas de valentia.

Se o supremo grau a que se pode chegar o artista e poeta é a criação de seres que se incorporam à vida, como se fossem reais, Macedo foi o único no Brasil a atingir esse alvo. (ROMERO, p. 1.436-1.438. Grifos meus).

Por fim, ainda com relação à obra ficcional do nosso autor e sua recepção crítica – aí incluídas as crônicas –, num artigo de Álvaro Costa e Silva, publicado em abril de 2020 no jornal *A Folha de São Paulo*, vemos Rubem Fonseca ser comparado ao autor de *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*. Como um “aperitivo” à prova viva da atualidade do legado de Macedo, vejamos rapidamente o que diz o cronista:

Ao fim da pandemia, eu quero ser o Epifânio. É o personagem esquisitão do conto ‘A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro’, com que Rubem Fonseca – o Prêmio Camões que morreu na quarta-feira (15) aos 94 anos – atualiza o clássico *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, e do qual tira a epígrafe terrível e atual: ‘em uma palavra, a desmoralização era geral’. (Grifo meu).

Vejamos agora as cinco obras não-ficcionalis do autor fluminense, pois são extremamente importantes para a compreensão do seu pensamento histórico e político. São elas: *Lições de História do Brasil para o Uso dos Alunos do Imperial Colégio de Pedro II* (de 1861 a 1865), *Noções de Corografia do Brasil* (de 1873), *Ano Biográfico Brasileiro*, (de 1876 a 1880), *Efemérida Histórica do Brasil* (de 1877), e *Mulheres Célebres* (de 1878). A partir delas, seria possível afirmar que marcam a segunda metade de sua vida com o “carimbo” de obras de encomenda para o governo imperial, o que lhe trará o ataque crítico dos jovens literatos que despontavam na seara literária do II Reinado, a partir da década de 1870.

Gostaria de mencionar aqui apenas duas delas, concomitantemente a alguns trechos de resenhas críticas a elas dedicadas. A partir da publicação das *Lições de História do Brasil*, e à medida em que a sua produção ficcional vai se transformando na direção cada vez maior do Realismo-Naturalismo – embora vendendo cada vez menos –, Macedo, na verdade, vai precisar publicar esses trabalhos para complementar o orçamento familiar. Contudo, mesmo sendo obras de encomenda, nosso autor deixa-nos ainda um quarto legado em vida: uma descrição histórico-político-ideológica do Brasil imperial ainda bastante pertinente. Assim, as *Lições* merecem o seguinte comentário lapidar de Wilson Martins:

Na perspectiva de uma ‘entidade brasileira’, os três livros mais importantes de 1861 são *O Tratado de Geografia Elementar, Física, Histórica, Eclesiástica e Política do Império do Brasil*, de J. G. Amadeo Moure e V. A. Malte

Brun; as *Lições de História do Brasil*, de Joaquim Manuel de Macedo, e (...) *L'Oyapoc et l'Amazonie*, de Joaquim Caetano da Silva (...). Os dois primeiros, justamente por sua destinação didática, exerceriam enorme influência na constituição de um 'saber nacional', uniformizando no espírito de numerosas gerações que se sucederam uma certa imagem geográfica e histórica do Brasil. Acrescente-se que, no caso de Macedo, era, na verdade, Varnhagen quem assim configurava, por interposta pessoa, a nossa consciência da história brasileira: pode-se dizer, por isso, que, além de escrever uma *História do Brasil*, ele fez, em larga medida, a história do Brasil, pois a sua ficou sendo, afinal de contas, desde então, a nossa própria visão da história pátria. (MARTINS, vol. III, p. 132. Grifos meus).

É, no entanto, a partir da publicação do *Noções de Corografia do Brasil*, relatório publicado em 1873 para representar o Brasil na Exposição Universal de Viena, que Macedo dá um passo adiante e, a meu ver, cria uma verdadeira taxionomia da História do Brasil. Esse trabalho, na década de 1990 ausente até mesmo da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro – obtive minha cópia, em francês, na Bobst Library, da New York University –, tem uma importância maior do que a que se lhe costuma atribuir. Sobre ele tem-se o pronunciamento definitivo de Antônio Soares Amora n' *O Romantismo*, em que diz: “vale a pena reviver um livro que não tem sido convenientemente considerado, e que é das melhores visões desse período, não apenas pela amplitude e profundidade, como pelo fato

de ser uma síntese das observações e opiniões de vários autores” (AMORA, p. 19-38). Amora pensa que as *Noções de Corografia do Brasil* estão para o Romantismo, no II Reinado, assim como a *História da América Portuguesa* (1730) de Sebastião da Rocha Pitta está para o Barroco, no Brasil-Colônia. Neste, vê-se a “expressão da nossa visão do paraíso” e, naquele, “a mais acabada expressão de nosso ufânico sentimento romântico do vasto e opulento Império do Brasil” (idem).

Para finalizar minha leitura a essa obra, é importante lembrar que ela seria o berço de um comportamento que qualifico de quase “esquizofrênico” do Dr Macedinho, já que nela vai começar a “equilibrar-se” entre pontos de vista contrários, pois ali nosso autor ora faz a louvação ufânica e mitificada do país, descrevendo-o a partir da ideologia imperial, ora, concomitantemente, trata o mesmo fato com uma narrativa cheia de preconceitos da época. Ou seja: dá duas versões antagônicas a um mesmo fato, como, por exemplo, quando se refere à população indígena, que é tanto descrita sob a imagem do **bon sauvage**, à la Rousseau, quanto como canibais sangrentos e bárbaros, que precisam ser civilizados através da catequização católica. Por outro lado, creio poder também afirmar que Macedo ali inaugura um relato “em palimpsesto”, no qual os silêncios, ou o não-dito, o escondido, o escamoteado tem tanto peso quanto o que está de fato sendo dito. Penso, por fim, que o choque entre seus verdadeiros ideais éticos e morais, que sempre nortearam sua conduta, e a necessidade de descrever “diplomaticamente” a realidade brasileira – por exemplo, a fim de ajudar a incrementar a imigração para nosso país, ao longo dos próximos

nove anos –, iriam talvez minar a saúde mental do criador de *O Moço Loiro*.

Chegamos mais especificamente à terceira pergunta colocada na introdução a este trabalho, isto é, o legado de Joaquim Manuel de Macedo, não só em vida, como já abundantemente confirmado pelos eminentes críticos anteriormente citados em suas histórias literárias, mas também nos séculos subsequentes. Contudo, gostaria de introduzir agora a questão do legado do autor fluminense sob uma outra premissa, sob um outro critério, que não o da popularidade, e verificar qual papel-chave ele merece na história da cultura e da literatura brasileiras. Para isso, é necessário introduzir um novo conceito, e este seria o de ter Macedo forjado o que chamo de “Projeto Brasil”, com a identificação de um “DNA” da literatura brasileira. No entanto, como definir esses dois conceitos, e qual o papel do autor d’*A Moreninha* nesse processo histórico-literário?

A fim de responder a essa dupla pergunta, penso que seria necessário retroceder ao começo do século XIX, mais precisamente ao ano de 1836, para melhor compreender aquele momento histórico-literário. O que ocorreu de fulcral relevância na história da literatura brasileira em 36, quatorze anos apenas após nossa Independência, e quando Macedo tinha somente dezesseis anos? Creio poder afirmar que a importância da data gira em torno da publicação, em Paris, por Domingos José Gonçalves de Magalhães, do que chamo de “Manifesto Romântico Brasileiro”. Conforme escrevi nas *Migalhas*,

(...) em 1836, o número 1 dos rapazes do futuro Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro, Domingos José Gonçalves de Magalhães, publica um ‘manifesto romântico’ no qual consegue organizar um conjunto verossímil de fatos culturais, quando afirma haver uma literatura brasileira anterior à portuguesa, já que as lendas indígenas poderiam ser consideradas como literatura oral autóctone. A partir daí, estariam lançadas (silogisticamente) as premissas de nossa independência literária, e, até a década de 1870, haveria uma consistente reiteração daquelas bases teóricas, até mesmo na ideia de uma ‘língua brasileira’, tão cara a José de Alencar.

Nesse universo político-literário, do qual participará ativamente Macedo, tudo indica podermos identificar um ‘programa romântico’, que teria sido diligentemente executado, começando historicamente por *A Moreninha*. (...) Quanto à questão da formação e estabelecimento da literatura e seu cânone, graças a Magalhães já se dispunha de um instrumental teórico pelo qual os intelectuais poderiam nortear-se, tarefa a que se lançam todos pelos trinta anos seguintes.

(...) (Macedo) tinha o verdadeiro dom de estabelecer uma sintonia fina com o público, e o exemplo da publicação d’*A Moreninha* é lapidar: ele teve a intuição do que a jovem sociedade estava querendo e, de um mesmo golpe, vemos criado não só o nosso ‘primeiro elenco romântico’, como afirma José Guilherme Merquior, como também

o nosso ‘primeiro mito sentimental’, mito este inteiramente autóctone. Em verdade, poderíamos dizer ter sido através dos mitos que se foi forjando a identidade cultural da sociedade do II Reinado, mitos estes criados pela **intelligentsia** literária, iniciados pelos rapazes do IHGB e continuados por Joaquim Manuel e Alencar. (SERRA, Introdução. In MATOS, *Migalhas de Joaquim Manuel de Macedo*).

O que defino como “Projeto Brasil” seria, então, literalmente, a possibilidade da existência mesmo de uma literatura e de uma cultura brasileiras, independente da portuguesa, com um “DNA”, uma marca identitária também especificamente autóctone, caminho que foi aberto por Magalhães. O que os “meninos” do IHGB (fundado em 1838) inventaram foi gigantesco do ponto de vista conceptual: foi a criação de uma pré-História nacional, com um sentido de tradição, incluindo até uma literatura oral indígena! Durante as três ou quatro décadas seguintes, Macedo e seus colegas do Instituto, do qual foi orador por muitos anos, lançaram-se à execução daquele projeto: a construção e mapeamento de uma tradição cultural dentro do genoma da nossa História da Literatura. Assim, nas décadas finais do século XIX, o Dr. Macedinho e outros autores românticos já haviam forjado o corpus de nossa literatura, ao mesmo tempo em que traziam para essa nova História da Literatura Brasileira o que havia sido publicado durante o período colonial, já que a língua comum assim o permitia.

Por fim, e sempre dentro da questão do legado histórico de Joaquim Manuel de Macedo,

penso ser ainda possível afirmar, juntamente com Martins, que

A Moreninha é não só o primeiro romance do escritor, como também, conforme (...) observa Wilson Martins, ‘é célebre (...) por haver dado a primeira expressão literária ao tipo brasileiro de beleza feminina, contrastando-a com a loira e pálida (europeia)’. Ainda em termos da História da Literatura Brasileira, ele ocupa mais um outro primeiro lugar, já que o crítico afirma ter sido também lançado nesse momento o ‘romance social’ e urbano de costumes no Brasil. (SERRA, Introdução. In MATOS, *Migalhas de Joaquim Manuel de Macedo*).

Após sua morte, em 1882, tão pobre que a viúva não teve dinheiro para lhe comprar um terno novo com o qual seria enterrado, nas duas últimas décadas do século XIX vemos começar a ser articulada uma crítica literária profissional no Brasil egressa das fileiras do Realismo/Naturalismo, conforme também já mencionei antes, crítica essa que, não só o rejeita pessoalmente, como também a todo o movimento romântico, sobretudo no que diz respeito à temática utópico-evasionista característica da escola. Creio poder reiterar que a perda de popularidade em sua segunda fase forçou Macedo a engajar-se cada vez mais no papel de escritor oficial do II Império moribundo, ao mesmo tempo em que lhe imortaliza a descrição histórica.

Dessa maneira, somente a partir de Temístocles Linhares, já em 1958/59, é que começa a haver um resgate, não só do legado romântico,

como também de vermos despontar uma reabilitação pessoal de Joaquim Manuel. Críticos e historiadores do quilate de Antônio Soares Amora, Manuel Cavalcanti Proença, Galante de Souza, Dalmo Barreto, Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins e José Guilherme Merquior, se lidos sob uma ótica de conjunto, permitem vermos, não só a importância política da ideologia romântica do autor de *O Rio do Quarto*, como também fazem-nos repensar a importância de sua mensagem e inegável atualidade, com o quê lê-lo passa a ser uma referência com sinal positivo, a ponto de o vermos ainda citado neste ano mesmo de 2020, como mostrei no início deste trabalho, no texto recentíssimo de Álvaro Costa e Silva para a *Folha de São Paulo*.

Assim, se retornarmos ao pensamento de Toynbee, Löwy e Carpeaux sobre o que é ontológico no Romantismo, seria possível afirmar que ele é, em sua essência, um movimento político, que faz uma intensa crítica social, sempre visando à modificação da sociedade, por meio de um reencantamento do mundo e pela proposta de novas regras morais e éticas. Na verdade, os autores românticos, e dentre eles o nosso Macedo, têm uma proposta concreta de ética social, que ora veiculam através das mensagens do Ultrarromantismo de evasão, com sinal positivo, a saber: priorizando a compaixão, a lealdade, a simplicidade, o afeto, a amizade e o amor, ora através do viés de oposição, no qual se tenta chegar ao Bem enfatizando temas diretamente contrários a ele, evidenciando o Mal, e, para isso, escolhem a temática pertinente ao conjunto de sinal negativo no comportamento social, exibindo a avareza, o amor ao ouro sobre todas as coisas, o egoísmo, o racismo, o vício, a exploração dos outros seres humanos, como as minorias raciais, ou mesmo a mulher, temas e

mensagens críticos, como podemos ver, ainda extremamente atuais nos dias de hoje.

Chegamos finalmente à quarta e última pergunta colocada na introdução a este trabalho, isto é: a atualidade de Joaquim Manuel de Macedo. Penso poder afirmar serem exatamente os temas acima listados, com suas consequências mensagens, os responsáveis pelo sentido de permanência que verificamos hoje em dia na releitura do autor fluminense, ou seja, a crítica constante às injustiças sociais, tanto no Macedo “das mocinhas”, quanto no Macedo “dos adultos”. Devo salientar ainda como aspectos que o tornam atual o seu pequeno realismo; a simplicidade dos enredos; o otimismo idealizante; o código moral rousseauiano – com a proposta embutida de um choque ético –; a vontade política de estabelecer regras morais para a sociedade; as singelas histórias de amor; a ideia arquetípica da força do destino; o tema da mulher como minoria na sociedade patriarcal, como retratado pela menina Carolina, que lê a feminista Mary Wollstonecraft, com uma insistência robusta na questão dos direitos da mulher, e **last, but not least**, uma proposta sábia para substituir a decadência moral e a priorização do lucro que caracterizam a sociedade industrial pré-capitalista. Tanto os subtemas da primeira fase, que podem ser listados como a ênfase ao valor da solidariedade, do afeto, da compaixão, da amizade, do amor, da busca do Belo e do Bem, como os subtemas da segunda fase, que seriam a denúncia do orgulho, da avareza, do amor ao lucro, da cobiça, das taras e dos vícios, evidenciariam aquela atualidade.

Por fim, se o conjunto da sua obra, unindo-se suas duas fases, for analisado como um todo orgânico, poderíamos afirmar que o escri-

tor de Itaboraí efetuou o que Carl Gustav Jung chama de **coincidentia oppositorum** em *Modern Man in Search of a Soul*, a saber, realiza a união dos opostos em sua ficção, que passaria a poder ser analisada sob o âmbito de uma totalidade psicológica, do **Selbst**, ou Si-Mesmo, universal, justificando portanto seu apelo ao leitor moderno. Em verdade, são exatamente esses temas românticos – a busca pelo Belo e pelo Bem e a rejeição às trevas e ao Mal, enfim, a busca pela alma perdida ao longo dos séculos – que voltam com força a integrar as preocupações da segunda metade do século XX e chegam com pertinência até os dias turbulentos de hoje, duzentos anos após seu nascimento, no começo deste terceiro milênio, configurando uma necessidade de volta, de busca intensa por uma nova utopia romântica, que preencheria o vácuo ético-moral existente, sobretudo neste ano em que o planeta encontra-se assolado pela peste.

Infelizmente, sabemos que o ano de 2020 não será lembrado na História do Brasil e da literatura brasileira como aquele no qual se comemoraram os duzentos anos do nascimento de Joaquim Manuel de Macedo, mas sim pelo surgimento da pandemia do coronavírus Covid 19. Consequentemente, todos lemos nos jornais, ou vemos pela televisão a discussão em torno do que deveria ser o “novo normal”, que propus ser chamado no título deste trabalho de “o novo romantismo DC”, isto é, depois da Covid 19, ou seja, perguntamos se uma crítica social construtiva e as propostas positivas semelhantes às do Romantismo poderiam fazer parte integrante dessa nova era que começará no pós-pandemia. Restaria apenas saber como a sociedade planetária gostaria que fosse, verdadeiramente, essa nova realidade DC,

e uma das respostas possíveis poderia talvez ser encontrada no artigo publicado no jornal *O Globo*, de 22 de julho de 2020, intitulado “Da Distopia à Utopia”, no qual Zuenir Ventura, ao tratar de uma possível vacina contra o atual coronavírus, comenta as declarações de Rosiska Darcy de Oliveira e Cacá Diegues, dois de seus colegas na Academia Brasileira de Letras, e profetiza, talvez, um novo Renascimento:

Anteontem, aqui mesmo nesta página, dois importantes artigos falam dessa incógnita que tanto nos intriga, o ‘novo normal’. (...)

(...) (Rosiska) termina o seu texto lembrando que agora (são) milhões de pessoas querendo ter voz ativa. ‘É um mundo novo, invisível aos obtusos’.

O cineasta (...) não se aventura a adivinhar, mas acha que ‘podemos esperar por um mundo mais leve, menos arrogante (...). É preciso virar o jogo e, ao contrário do que já fizemos, disfarçar a grandeza da utopia com gestos mais simples de extrema objetividade’.

Comecei a ver a série ‘Medici’, que se passa na segunda metade do século XIV, durante parte da ‘Peste Negra’, (...) na Europa, transformando-se numa pandemia que exterminou dois terços da população do continente.

Mas mesmo esse horror foi capaz de incubar um dos mais ricos movimentos culturais, o Renascimento, que produziu gênios (...).

Uma tese tenta explicar o divino mistério desse período: a devastação de Florença pela peste provocou uma tal mudança de mentalidade e de visão que, paradoxalmente, teria levado ao Renascimento. Da distopia à utopia.

De volta ao terceiro milênio, e observando o surgimento inegável de um forte movimento em direção àquela “mudança de mentalidade” referida por Ventura, poderíamos quicá identificar uma simetria entre o que relata Toynbee sobre os séculos XVII e XVIII e o novo romantismo DC. Ou seja, a forte reação contra a mentalidade pré-capitalista de então, e o que presenciamos agora na segunda metade do século XX e começo do XXI, já em plena revolução pós-industrial, em que algumas vozes se erguem, não só denunciando os efeitos nefastos do capitalismo selvagem, como a destruição do meio ambiente e consequente efeito estufa devastador no clima do nosso planeta Terra, mas também fazendo propostas concretas e positivas para mudar o futuro a curto e a médio prazos. Um “novo normal” que, creio, seria também uma nova utopia, bem nos moldes do nosso conhecido Romantismo, e, por que não dizê-lo, semelhante ao mundo proposto há duzentos anos pelo atualíssimo autor d’A *Moreninha*.

Dentre os intelectuais que há anos falam do que hoje é chamado de “novo normal”, ou o mundo do futuro próximo, o sociólogo Domenico De Masi tem papel relevante. No seu livro intitulado *Uma Simples Revolução*, de 2019, o italiano principia por colocar como uma necessidade da vida de hoje a “simplicidade” (p. 9) dentro das escolhas cotidianas do homem moderno. Segue reiterando a inevitabilidade

de adotarmos como **modus vivendi** o ócio criativo, como os gregos da Antiguidade: “enquanto os quarenta mil atenienses livres iam para a escola, faziam política, criavam obras-primas e se divertiam, duzentos e cinquenta mil escravos trabalhavam para eles. (Hoje) (...) robôs incansáveis trabalharão a nosso favor” (p. 220). Contudo, a fim de viabilizar isso, os governos deveriam obrigatoriamente instituir uma renda mínima universal. Assim, livre do trabalho exaustivo, o Homem poderia fruir de um mundo em que “afetividade, criatividade, estética, subjetividade” (p. 53) pudessem frutificar. Semelhante ao pensamento de Zuenir Ventura, De Masi afirma ainda: “é urgente (...) que um novo Iluminismo liberte a sociedade pós-industrial do excesso da religião do crescimento, da competitividade, da colonização, da manipulação, do consumismo e da economia” (p. 239). E é com “serenidade consciente” (p. 326) que ele crê podermos criar essa nova utopia romântica.

Por outro lado, neste nosso difícil momento histórico pandêmico, temos ainda que enfrentar uma outra questão gravíssima, que ameaça a estabilidade da sociedade como um todo: a questão da anulação das frentes de trabalho pela inteligência artificial dos robôs e o consequente desemprego em massa, tema absolutamente urgente e inquietante. No excelente trabalho intitulado *Inteligência Artificial. Como os Robôs estão Mudando o Mundo, a Forma como Amamos, nos Relacionamos, Trabalhamos e Vivemos*, também de 2019, o sino-americano Kai-Fu Lee, nascido em Taiwan e ex-funcionário de algumas **start ups** do Vale do Silício, na Califórnia, pensa que estamos verificando uma “dizimação de empregos” (p. 34-5). Assim como De Masi e nove entre dez pensadores

modernos, o americano crê que apenas com a instituição de uma renda básica universal (p. 237) seria possível evitar uma convulsão social de graves consequências. Segundo ele, várias soluções para esse cenário de caos social num futuro próximo já vêm sendo pensadas no Vale do Silício. Contudo, tendo sobrevivido a dois cânceres graves, Lee traz uma abordagem bem mais humanista ao problema, e afirma: “(vamos oferecer) as maiores oportunidades para a simbiose entre humanos e IA: a inteligência artificial fará o pensamento analítico, enquanto os humanos envolverão essa análise com afeto e compaixão” (p. 248). E completa:

À medida que passarmos da era industrial para a era da IA, precisaremos nos afastar de uma mentalidade que iguala o trabalho à vida ou trata os humanos como variáveis em um grande algoritmo de otimização de produtividade. Em vez disso, devemos nos mover em direção a uma nova cultura, que valorize o amor humano, o serviço e a compaixão mais do que nunca (p.237).

(...) (E ademais, na medicina) os pacientes desejarão – e acredito que o mercado vai criar – uma abordagem mais humanista da medicina. (p. 249).
 (...) (Devemos buscar) atividades que promovam uma sociedade amável, compassiva e criativa (p. 259).

Para concluir, devo lembrar que há inúmeros outros exemplos hoje em dia de pensadores e economistas que já formalizaram propostas positivas para a era que se inaugurará no pós-pandemia. Dentre essas diversas propostas,

sobressai-se a de um grupo de cientistas holandeses, que propõem cem medidas para a viabilização de um “decrescimento pós-pandemia”; ou um relatório da ONU, que sugere aos países adotarem a renda básica universal; ou o “green new deal” necessário para termos uma agricultura sustentável; ou a ideia de uma “renda ultrabásica universal”, defendida pela pesquisadora francesa e Nobel de economia de 2019, Esther Duflo; ou, por fim, ainda outros intelectuais, como vimos no texto de Zuenir Ventura, que trabalham com a premissa de um possível novo Renascimento, ou novo Iluminismo, que eu ousou complementar com o DC. Na verdade, uma nova utopia romântica.

Assim, muitos pensam o mundo futuro dentro de uma perspectiva nova de ação social, mais solidária e menos depredadora, sonhando com uma nova práxis restauradora. Porque, se não a construirmos, creio que os cenários estudados por Barbara Tuchman em *The March of Folly. From Troy to Vietnam*, (1984) e por Jared Diamond em *Colapso. Como as Sociedades Escolhem o Sucesso ou o Fracasso*, (2004), podem voltar a acontecer, nos quais a ganância, a irresponsabilidade e a indiferença social imperam, como, por exemplo o que Diamond imagina ter acontecido na Ilha de Páscoa, em que o penúltimo homem é devorado pelo último, que depois vai morrer de fome, e que fazem lembrar as cenas apocalípticas da ficção científica mais alucinada, como os filmes da franquia *Mad Max*.

Enfim, qual seria o denominador comum entre nosso escritor novecentista e os pensadores acima citados, aqueles do começo do século XXI, e que comprovaria sua atualidade? Creio que seria o desejo de ver instalada uma socie-

dade mais compassiva, em que uma sólida ética social embasaria as decisões tanto de cidadãos quanto de governantes; uma sociedade na qual o Homem finalmente encontra a sua alma. Na verdade, parece-me que a Humanidade, para sobreviver, deveria obrigatoriamente forjar um novo romantismo e um novo humanismo e, para isso, estou convicta de que a releitura do nosso Joaquim Manuel de Macedo poderia apontar para um dos caminhos que nos permitiria chegar a essa emergente e nova utopia, e poderia também servir de Norte para a nova era que, espero, emergirá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo*. SP: Cultrix, 1978.
- “Amsterdam to embrace ‘doughnut model to mend post-coronavirus economy’”. Netherlands; *The Guardian*. <https://amp.theguardian.com/world/2020/apr/08/amsterdam-doughnut-model-mend-postcoronavirus-economy?CMP=share-btn-tw&twitter-impression=true>
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. RJ: Editorial Alhambra, 1982. 2ª ed., 6 vol.
- “Holanda estuda modelo de decrescimento econômico pós-pandemia”. *The Guardian*: <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/08/amsterdam>; <https://grupoqualityambiental.com.br/2020/05/09/holanda-estuda-modelo-de-crescimento-economico-pos-pandemia/>
- “Holandeses avanza en el escenario pospandemia y proponen un modelo económico basado en el decrecimiento”. *El Clarín*. <https://www.elclarin.cl/2020/04/23/holandeses-avazan-en-el-escenario-pospandemia-y-proponen-un-modelo-economico-basado-en-el-decrecimiento/?fbclid=IwARONhdleAC8maumDWYOZIOh02kT9SZR3OSoVMcuKnmbLEvvZDFo9V39FFB8>
- JUNG, Carl Gustav. *Modern Man in Search of a Soul*. NY: Harcourt, Brace & World, Inc., s/d. (1ª ed. 1933).
- LEE, Kai-Fu. *Inteligência Artificial. Como os Robôs Estão Mudando o Mundo, a Forma como Amamos, nos Relacionamos, Trabalhamos e Vivemos*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- LÖWY, Michael e Robert Sayre. *Romantismo e Política*. RJ: Paz e Terra, 1993.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. SP: Cultrix/USP, 1977.
- MASI, Domenico De. *Uma Simples Revolução*. RJ: Sextante, 2019.
- MATOS, Miguel. *Migalhas de Joaquim Manuel de Macedo*. Introdução de Tania Serra. SP: Migalhas, 2017.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides. Breve História da Literatura Brasileira*. RJ: José Olympio Ed., 1977.
- ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. RJ: José Olympio Ed./Brasília: INL, 1980, 7ª ed.
- SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os Dois Macedos: A Luneta Mágica do II Reinado*. RJ: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994.

- SILVA, Álvaro Costa e. “Destino: Rua do Jogo da Bola”. *Folha de São Paulo*: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/colunas/alvaro-costa-e-silva/20020/04/destino-rua-do-jogo-da-bola.shtml>

- TOYNBEE, Arnold. *An Historian's Approach to Religion*. Oxford/London/Toronto/New York: Oxford University Press, 1979, 2ª ed. (1ª ed. de 1956).

- VENTURA, Zuenir. “Da Distopia à Utopia”. *O Globo*, Rio de Janeiro: 22-07-2020.

***Titular da Cadeira nº XXV da ABrL**



ORAÇÕES ACADÊMICAS

DISCURSO DE POSSE

**JOSÉ ALBERTO
COUTO MACIEL**

Exmo. Senhor Presidente da Academia
Brasiliense de Letras,

Professor Carlos Mathias de Souza, em
nome de quem cumprimento os demais
Membros da Mesa.

Minha Senhoras, Meus Senhores.

“Por acaso, surpreendo-me no espelho:

Quem é esse que me olha e é tão mais velho
que eu?

Parece meu velho pai – que já morreu!

Nosso olhar duro interroga:

“O que fizestes de mim?” Eu pai? Tu é que
me invadiste.

Lentamente, ruga a ruga... Que importa!

Eu sou ainda aquele mesmo menino tei-
moso de sempre

E os teus planos enfim lá se foram por
terra,

Mas sei que vi, um dia – a longa, a inútil
guerra!

Vi sorrir nesses cansados olhos um orgu-
lho triste”

É possível que Mário Quintana tenha visto
em seus cansados olhos um orgulho triste, mas
hoje pela manhã, ao ver meu reflexo no espe-
lho tive a oportunidade de sentir naquele velho
um orgulho nada triste, mas, ao contrário, uma
sensação de glória que me foi possível ter pela
homenagem que me fizeram os acadêmicos
quando, generosamente, me elegeram como
membro desta Academia Brasiliense de Letras.

Quando se ingressa na Academia passa-
mos a ter o apelido de imortal, talvez porque
se consideram imortais aqueles que, espiritua-
lmente, deixam escritos que viverão por todos
os tempos, pois, como afirmou Marcos Villaça,
as impressões digitais de ser acadêmico são de-
finitivas.

Mas, Senhor Presidente, não seria elegante
dizer que sou imortal e não esclarecer a todos
meus convidados aqui presentes que imortais
somos todos nós.

É interessante como o futuro chega, e hoje
os físicos quânticos convergem com os religio-
sos, no sentido de que todos nós somos imor-
tais, de verdade, pois existe um universo na
consciência de cada um, atuando junto com
o universo cósmico, uma consciência universal
que tudo rege, um poder Divino.

Tudo começou com a teoria da relatividade de Einstein que explicava a inexistência do tempo, dizendo para o leigo:

“Coloque a mão num fogão quente por um minuto. Vai parecer uma hora. Fique uma hora com uma moça bonita. Vai parecer um minuto”.

A ciência avançou para o reino quântico, e nas menores partículas descobriu-se que o tempo é uma invenção cronológica, e que o próprio espaço não existe, demonstrando a física quântica que vivemos em um universo participativo, fundindo-se nossa mente com a mente cósmica, como acontece com as menores partículas.

É a nossa consciência que nos faz humanos e assim como a água pode assumir a forma sólida, líquida ou gasosa, a consciência pode alcançar a forma pura, espiritual, que não morre, e por isso, todos nós aqui presentes, acadêmicos e convidados, todos nós somos imortais.

E em razão dessa consciência universal é que não acredito em coincidências, pois tudo tem uma razão de ser, inclusive dois acontecimentos que passo a narrar, vinculados à minha posse.

Quando pequeno namorei na Pedra da Moreninha, em Paquetá, no Rio de Janeiro e lá, muitos na minha época namoravam, mas não sabia que a pedra tinha esse nome porque era o apelido de Carolina, por quem Augusto se apaixonou, enredo do primeiro romance considerado tipicamente brasileiro, obra-prima elaborada em 1844 por Joaquim Manuel de

Macedo, onde se inicia a ficção do romantismo no Brasil.

Essa lembrança que tenho ao ingressar na Academia, decorre de ser Joaquim Manuel de Macedo, patrono da Cadeira n. XXXVI, que ora integro, autor de “A Moreninha”, formado em medicina, professor de história no Colégio Pedro II e preceptor dos netos do Imperador Pedro II.

Se nos anos 60 fui a reuniões em uma residência, na W 3, do meu saudoso amigo Antonio Carlos Osorio, onde preparávamos uma nova chapa para concorrer à OAB do Distrito Federal, jamais imaginei que hoje estaria tomando posse na Cadeira que lhe pertenceu nessa Casa que por tantos anos presidiu, decorrendo de seu trabalho e dedicação a grandeza desta Academia.

Osorio, pelas obras que produziu, por sua atuação magistral como advogado, e pela família maravilhosa que formou com sua inspiradora na vida Natanry Osorio, é alguém que não precisa nem ser lembrado porque continua sempre vivo na memória de todos nós, um exemplo da imortalidade.

Foi Osorio o primeiro advogado de Brasília, com escritório no núcleo Bandeirante em 1957.

Sem medo da repressão assumiu a presidência da Ordem dos Advogados, entre 1969 a 1971, garantindo o pleno exercício da profissão para todos os advogados na época da ditadura.

Escreveu inúmeros livros, foi um poeta premiado pela Academia Brasileira de Letras

com seu livro “O Silêncio e Suas Raízes”, recebendo o prêmio Olavo Bilac.

Nessa vida intensa que só lembranças fabulosas deixou, escolhi um poema, dentre tantos outros de sua autoria, que acredito gostaria Osorio de ouvir nesse momento grave pelo qual passa o Brasil, pois nele demonstra como guardava em si a figura de um lutador, e que se aqui estivesse estaria gritando por um país melhor, pois é no Soneto do Grito que assim demonstra:

“Se for preciso grite, e é preciso
Gritar ora blasfêmias, ora louvor
E alto gritar a hora enquanto é vivo
O tempo em chama matando riso e dor.

Claro gritar, gritar na treva escura
Gritar na pura exaltação do amor
Gritar a cólera em látigo que dura
Enquanto carne exsude desamor.

Que grite o homem, só o gritar perdura
Perdido embora, grite enquanto é rubro
O sangue a circular a pele impura.

O homem é um grito solto em largo espaço
E se ninguém ouvi-lo pouco importa
Ele sempre dirá: sou um grito e assim me
faço.”

Ouvi as palavras de nosso acadêmico Paulo Castelo Branco, orador brilhante a quem agradeço os elogios, mas, certamente, frutos de nossa amizade e de nossa recíproca empatia.

Prezados confrades, confreiras, e todos amigos e familiares aqui presentes, agora al-

canço essa Academia Brasiliense de Letras e chego parodiando Fernando Pessoa ao dizer

Que sou apenas um fingidor

Fingindo, mesmo sem razão,

Que faço poesia, que sou escritor,

Para conquistar de vocês o coração.

MUITO OBRIGADO.

DISCURSO DE RECEPÇÃO

PAULO CASTELO BRANCO

É com muita satisfação que saúdo a chegada, à Academia Brasiliense de Letras, do advogado, José Alberto Couto Maciel, que ocupará a cadeira XXXVI, cujo patrono é Joaquim Manuel de Macedo em sucessão ao inesquecível acadêmico Antonio Carlos Elizalde Osorio que, durante anos, presidiu esta Academia, hoje sob a direção de Carlos Fernando Mathias de Souza.

Primeiramente devo enaltecer a importância dos antecessores de Maciel, e a magnitude de sucedê-los na nossa Academia.

O Patrono da cadeira XXXVI da Academia Brasiliense de Letras é Joaquim Manuel de Macedo que viveu de 1820 a 1882. Autor de "A Moreninha", seu primeiro romance considerado verdadeiramente representativo da literatura brasileira. Foi professor de História do Brasil no Colégio Pedro II, e preceptor dos netos do Imperador Pedro II. É Patrono da cadeira nº 20 da Academia Brasileira de Letras.

Joaquim Manuel de Macedo nasceu em Itaboraí, Rio de Janeiro, no dia 24 de junho de 1820.

Formou-se em Medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, mas nunca exerceu a profissão, seduzido pela carreira literária e pelo magistério.

Poeta e teatrólogo de grandes recursos, Macedo produziu inúmeros trabalhos literários nesses dois gêneros, além de uma vasta coleção de romances que o colocou entre os melhores e mais fecundos prosadores brasileiros.

Antonio Carlos Elizalde Osorio, a quem José Alberto Couto Maciel sucede na cadeira XXXVI, deixa ao novo acadêmico a dedicação ao Direito e à Justiça sem deixar de lado a poesia que foi a sua verdadeira vocação.

Gaúcho de Quaraí, Osorio nasceu em 1927 e faleceu em 2016, voltando ao pó no solo da terra que escolheu para ser o seu lugar para sempre, Brasília; para onde veio ainda na construção. Foi o primeiro advogado a montar um escritório no Distrito Federal, em 1957, no Núcleo Bandeirante. Osorio presidiu a OAB-DF no período de 1969 a 1971.

Graduado em Filosofia e em Direito, Osorio também dedicava grande parte de seu tempo à poesia. É autor de 12 livros, entre eles "Brasília: diálogo com o futuro". Foi filiado à Associação Nacional de Escritores e ao Sindicato dos Escritores do DF. Autor de relevantes obras, tendo sido premiado por duas vezes pela Academia Brasileira de Letras: em 1993 (Prêmio Olavo Bilac) por "O silêncio e suas raízes" e depois em 1994 (Prêmio Anibal Freire), por "Peço a palavra pela Ordem".

Em 1986, sucedendo Aderbal Jurema, Osorio assumiu a presidência da Academia Brasiliense de Letras, e a conduziu por 30 anos.

Em 1987, dez anos após o lançamento do seu primeiro livro, Osorio foi diplomado como Membro Correspondente da Academia Chilena da Língua sendo saudado por nosso confrade Santiago Naud, meu mestre, e admirável poeta, que se pronunciou: “Conheci Antonio Carlos Osorio na adolescência, em Porto Alegre, a nossa cidade, logo acabada a Segunda Guerra Mundial. Anunciavam-se os “Anos Dourados” de 50. Era ainda estudante de Direito, ativista político, orador inflamado. Um líder em seu grupo”. Santiago Naud conhecia bem o homenageado, pois, Osorio, durante toda a sua vida, não desviou do caminho que traçou até o campanário final dos seus amores, dos seus sonhos e realizações.

Osorio era poeta das antigas. Boêmio, não dispensava a conversa livre dos amigos de literatura e com todos dividia a mesa e as poesias que surgiam em momentos de tranquilidade e criatividade.

Religioso, Osorio buscava na fé o refúgio dos momentos de angústia. Em “Mãe Azul em Campo Branco” que ele expressa a sua fé:

“MÃE AZUL EM CAMPO BRANCO

*Cobre-me com teu manto, oh! minha
mãe azul
Aquele manto azul com que te via na
infância
Tem feito branco e frio no meio da
jornada.*

Quero te renovar as três salves noturnas
Certeiras mensageiras de paz e boa morte
Mas esqueci o calor daquelas saudações antigas
Porque faz branco e frio no meio da jornada.”

Antonio Carlos Osorio foi casado por 57 anos com Natanry e teve cinco filhos. Natanry, além de pioneira em Brasília, é personagem da capital por sua defesa da cidade criada por JK, e teve a responsabilidade de alfabetizar a primeira turma dos filhos de pioneiros de Brasília. Em sua despedida de Osorio, Natanry sintetizou a vida do poeta. “Antes de tudo, ele foi um grande semeador e cultivador de fé, de profissões, de bondades para as pessoas. Recebo aqui os amigos para devolvê-lo ao céu. Agora ele é um guardião de todas as vidas que deixou aqui”.

Devo a Osorio o título e a apresentação do meu livro “Poeira dos Dias”.

Um dos mais deliciosos livros de Osorio é “O Romper do Dique” inspirado no nascimento de sua primeira filha.

Mas, sua amada, em meio a tantas poesias a ela dedicadas, gostava e guardou na alma uma de suas dedicatórias: “Natanry, Páramos e sortilégios, campanário final dos meus amores.”

Tal qual seus antecessores, Macedo e Osorio, José Alberto Couto Maciel é admirador da mulher, e a ela dedica muitos dos seus poemas. Carlos Mário Velloso, ministro do Supremo Tribunal Federal e membro da Academia Mineira de Letras, prefaciando a obra de Maciel, escreveu: “Maciel tem o que os franceses denominam “joie de vivre”, a alegria de viver. Mas na sua pena de poeta descobrimos que ele tem os seus momentos de ser triste”. Velloso, em seguida, menciona o poema “Escrever um poema” de Petrônio Souza Gonçalves:

*“É ser triste/Viver o que não existe/
Colher nas horas/ O dia que nunca*

*virá/ Escrever um poema/ É ser triste;
/ E riscar, riscar, arriscar/ E se entregar
ao mundo/ Que nunca existirá.”*

E segue Velloso,

“Mas não só de tristeza a poesia se alimenta. A felicidade reponta também em versos, quando está presente o amor de sua vida, quando se vibra com a alegria da mulher amada”. O poeta Maciel, com o coração pulsando, busca a melhor palavra para expressar suas paixões, especialmente quando se refere a sua amada Mônica em dedicatória de seu “Livro de Aluvião”, e escreve:” À Mônica, novamente, outra vez, Sempre”.

É assim também que homenageia seu pai, Anor Butler Maciel, brilhante e exemplar advogado que o encaminhou no rumo certo, como na dedicatória do “Reflexões Poéticas de dois advogados: Meu Pai e Eu”; “Dedico este livro ao renascer do meu pai, e ao meu próprio”. Pura poesia repleta de tristeza e esperança. É o poeta em sua plenitude.

Maciel é, sem dúvidas, um dos mais brilhantes advogados do país e tem contribuído para o aperfeiçoamento das leis e das relações entre patrões e empregados.

Como advogado, Maciel se destaca por participação como conferencista e debatedor em eventos no Brasil e no exterior, além de artigos sobre as questões trabalhistas, é best-seller com o livro “Direito do Trabalho ao alcance de todos” com mais de um milhão de exemplares vendidos. Nos seus vários livros

jurídicos publicados, Maciel consegue fazer poesia e discorrer sobre temas amenos e, até mesmo, engraçados.

Sobre o amor, o poeta se derrama em louvores ao defini-lo no poema “Amor”:

*Se eu pudesse definir o amor
E se você acreditasse em mim, eu diria
muitas coisas, eu falaria assim:
O amor é um sentimento que me faz
viver,
Que me alimenta, fascina, entristece,
Alegra e me faz sofrer.
E amando vou vivendo,
Adorando o contraste, o céu azul, a riqueza,
dando valor à pobreza, desculpando a burrice,
Vibrando com a inteligência.
Amo a esperteza, aceito a negligência,
Amo o que vem de Deus, o que é terno,
Sou capaz mesmo de amar o ruim, o que vem do inferno.
Pois assim amo você, querida, cheia de paradoxos,
com sua inquietude às vezes angelical.
Fiz de você parte da minha vida,
nosso amor transforma em bem o meu mal.*

Nas quadras da vida, nos encontramos nas páginas das revistas “Brasília em Dia” e “Foco”, ambas importantes na história de Brasília.

Nas revistas sonhávamos e escrevíamos ficção e poesia. Maciel chegou com textos jurídicos e, a cada dia, foi se afastando dos temas áridos para, de vez, entrar na ficção e bem humorados relatos do dia-a-dia.

O bom humor e a ironia estão presentes em “Poeta Defunto”:

*“Sou poeta porque quero
Pois não sei fazer poesia
Mas vou rimando, e assim espero,
Que alguém, em algum dia,
Diga que sou um poeta verdadeiro.
Pense que conheço muito do assunto
E então, poderei, num lance verda-
deiro,
Transformar-me em poeta, quando
já defunto.”*

Mas não é só em poesia que Maciel se destaca. É na ironia e no bom humor que Maciel descarrega a pressão do trabalho extenuante e escreve “Estórias para crianças grandes”, onde desmistifica histórias que habitam o imaginário infantil e as reconta com o seu olhar malvado como o lobo-mau da fábula, e coloca Chapeuzinho Vermelho como uma safadinha a conquistar o animal.

Também em “Curiosidades Inúteis” Maciel derruba mitos com observações esclarecedoras de cada situação.

José Alberto Couto Maciel trará mais brilho e sabedoria à nossa Academia Brasiliense de Letras que, sob a batuta do presidente Carlos Fernando Mathias de Souza, que nos acolhe, nos une e nos faz pensar buscando um mundo melhor, o amor eterno e a paz.

Para encerrar, quero deixar ao novo acadêmico as palavras de Antonio Carlos Osorio ao apresentar meu pequeno tesouro “A poeira dos dias”:

“A fantasia se insere sutilmente no relato e passa a dominá-lo, absorvendo-o. Não se trata de um mero colorido ou adereço de linguagem, mas de uma invenção que adere e domina a escrita. Com o fino labor destes textos, Paulo Castelo Branco ingressa merecidamente, com passo firme e cabeça erguida, na cena literária brasiliense.”

É com esta honrosa apresentação que passo a Maciel a frase final de Osorio:

“Com o fino labor destes textos, José Alberto Couto Maciel ingressa merecidamente, com passo firme e cabeça erguida, na cena literária brasiliense”

Não sem lembrar o intrépido Acadêmico Affonso Heliodoro dos Santos, quando da minha posse nesta Academia de Brasiliense de Letras: “Dr. Paulinho, não se iluda, imortal também morre!”

Não deve ser verdade, pois Affonso já ultrapassou a barreira dos cem anos de idade.

A chegada do poeta, escritor e advogado, José Alberto Couto Maciel, é o reconhecimento dos seus méritos e oportunidade de termos a satisfação de apurar nosso conhecimento, dividir sonhos, tristezas e alegrias sempre em prosas e versos.

Obrigado.

Brasília, DF, 27 de setembro de 2017

QUADRO ACADÊMICO (CADEIRAS E PATRONOS)

Adirson Vasconcelos

Cadeira n.º XII (Vicente de Carvalho)

Aniv.: 16/7

Carlos Henrique Cardim

Cadeira n.º XI (Farias Brito)

Aniv.: 31/5

Afonso Ligório

Cadeira n.º XXI (Rui Barbosa)

Aniv.: 20/10

Dad Squarisi

Cadeira n.º XVII (José de Alencar)

Aniv.: 30/4

Alaor Barbosa

Cadeira n.º XXIX (Hugo de Carvalho Ramos)

Aniv.: 13/3

Danilo Gomes

Cadeira n.º VI (Tomás Antônio Gonzaga)

Aniv.: 30/12

Alberto Bresciani

Cadeira n.º IV (Eduardo Prado)

Aniv.: 4/7

Edmilson Caminha

Cadeira n.º XXIV (José Veríssimo)

Aniv.: 27/9

Anderson Braga Horta

Cadeira n.º XXXIV (Álvares de Azevedo)

Aniv.: 17/11

Fabio de Sousa Coutinho

Cadeira n.º XIX (Castro Alves)

Aniv.: 2/12

Branca Bakaj

Cadeira n.º XXXVIII (Raul de Leoni)

Aniv.: 13/2

Francisco Ferreira de Castro

Cadeira n.º V (Euclides da Cunha)

Aniv.: 28/6

Carlos Ayres Britto

Cadeira n.º XXXII (Mário de Andrade)

Aniv.: 18/11

Gilmar Duarte Rocha

Cadeira n.º XXXI (Graciliano Ramos)

Aniv.: 7/12

Carlos Fernando Mathias de Souza

Cadeira n.º III (João Ribeiro)

Aniv.: 25/3

Heitor Martins

Cadeira n.º XXXIX (Martins Fontes)

Aniv.: 22/7

José Alberto Couto Maciel

Cadeira n.º XXXVI (Joaquim
Manuel de Macedo)
Aniv.: 31/7

José Carlos Brandi Aleixo

Cadeira n.º IX (Augusto dos Anjos)
Aniv.: 28/9

João Carlos Taveira

Cadeira n.º XXVI (Cruz e Sousa)
Aniv.: 17/9

José Jeronymo Rivera

Cadeira n.º XXVIII (Olavo Bilac)
Aniv.: 12/6

José Sarney

Cadeira n.º XXII (Simões Lopes Neto)
Aniv.: 24/4

Lucília Garcez

Cadeira n.º XIII (Manuel
Antônio de Almeida)
Aniv.: 8/7

Luiz Gutemberg

Cadeira n.º VIII (José Lins do Rego)
Aniv.: 24/8

Marco Maciel

Cadeira n.º XX (Sílvio Romero)
Aniv.: 21/7

Marcos Vinícios Vilaça

Cadeira n.º I (Alberto Torres)
Aniv.: 30/6

Marcus Vinicius Furtado Coêlho

Cadeira n.º XXXV (Coelho Neto)
Aniv.: 31/1

Margarida Patriota

Cadeira n.º XXXVII (Raimundo Correia)
Aniv.: 23/1

Max Telesca

Cadeira n.º II (Antônio de
Alcântara Machado)
Aniv.: 19/10

Napoleão Valadares

Cadeira n.º XIV (Artur Azevedo)
Aniv.: 6/2

Paulo Castelo Branco

Cadeira n.º XVI (Gonçalves Dias)
Aniv.: 9/5

Raymundo Damasceno Assis, Dom

Cadeira n.º XXXIII (Jorge de Lima)
Aniv.: 15/2

Roberto Rosas

Cadeira n.º X (Da Costa e Silva)
Aniv.: 25/3

Ronaldo Costa Couto

Cadeira n.º XXVII (Raul Pompeia)
Aniv.: 3/10

Ronaldo Costa Fernandes

Cadeira n.º XVIII (Cláudio Manuel da Costa)
Aniv.: 29/8

Rossini Corrêa Cadeira n.º

VII (Joaquim Nabuco)

Aniv.: 8/9

Tania Rebelo Costa Serra

Cadeira n.º XXV (Graça Aranha)

Aniv.: 10/1

Thiago Aguiar de Pádua

Cadeira n.º XXIII (Aluísio Azevedo)

Aniv.: 6/3

Valdir de Aquino Ximenes

Cadeira n.º XXX (Monteiro Lobato)

Aniv.: 15/1

Vamireh Chacon

Cadeira n.º XV (Machado de Assis)

Aniv.: 1/2

Victor Alegria

Cadeira n.º XL (Afonso Arinos)

Aniv.: 24/12



**ACADEMIA
BRASILIENSE DE
LETRAS - ABrL**

CONTATO:

Fone: (61) 3242-3642
E-mail: academiabrasiliense@gmail.com